



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

RACHEL COELHO RIPARDO TEIXEIRA

Eventos estressores na infância e apego adulto

Salvador
2011

RACHEL COELHO RIPARDO TEIXEIRA

Eventos estressores na infância e apego adulto¹

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento

Professora orientadora: Prof.^a Dr.^a Eulina Lordelo

Salvador
2011

¹ Apoio CAPES

T266 Teixeira, Rachel Coelho Ripardo
 Eventos estressores na infância e apego adulto / Rachel Coelho Ripardo
 Teixeira. – Salvador, 2011.
 116 f.: il.

 Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eulina da Rocha Lordelo
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia
 e Ciências Humanas, 2011.

 1. Psicologia infantil. 2. Stress. 3. Infância. 4. Pobreza. I. Lordelo, Eulina da
 Rocha. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências
 Humanas. III. Título.

CDD – 155.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rachel Coelho Ripardo Teixeira

Eventos estressores na infância e apego adulto

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Mestre em Psicologia

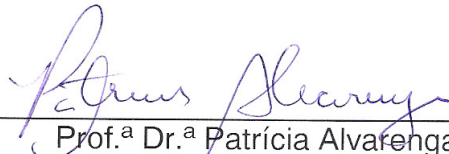
Área da Concentração: Psicologia do Desenvolvimento

Dissertação defendida e aprovada em: 06/04/2011

Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Eulina da Rocha Lordelo
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Prof.^a Dr.^a Patrícia Alvarenga
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Prof.^a Dr.^a Miriã Alves Ramos de Alcântara
Universidade Católica de Salvador - UCSal

AGRADECIMENTOS

Ao final do mestrado é necessário olhar para trás e agradecer àqueles que foram importantes para chegar aqui. Mas eu estarei olhando para frente também, pois sei que estas pessoas estarão comigo enquanto eu caminhar na área acadêmica, e mesmo fora dela.

Foi difícil pensar a quem agradecer neste momento, pois um mestrado não é apenas uma pesquisa e um texto, mas um mundo inteiro. Tentei focar naqueles que tiveram uma ligação mais forte com ele, e peço desculpas se alguém não foi citado.

Desta forma, agradeço especialmente aos meus pais, Odete e Antonio, por apoiar minhas escolhas e pelo encorajamento. Agradeço ao meu irmão, Gerson, por vibrar com cada conquista; aos meus amigos mais próximos, especialmente a Carla Soares, pelo apoio constante. Aos meus familiares, por seu carinho.

À minha orientadora, Eulina Lordelo, que, através de elogios e críticas, me auxiliou na construção deste trabalho. Obrigada por ser minha parceira nesta dissertação.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa, formado por Akemy Mochizuki, Carine Monteiro, Liliana Sobrinho, Mariana Barreto e Samai Alcira Cunha, pois aprendemos juntas e pudemos crescer no entendimento da teoria e da prática de pesquisa.

À pós-graduação em Psicologia da UFBA, por me acolher e acreditar em meu projeto de pesquisa, e assim me oferecer um espaço para crescimento. Ao coordenador Marcos Emanuel pelo ânimo! À professora Patrícia Alvarenga, por sua preciosa orientação e contribuição. À professora Ana Cecília Bastos, à professora Ilka Bichara, e à agora doutora Vivian Volkmer por suas contribuições para o projeto.

Agradeço aos secretários do Programa, Ivana, Henrique e Viviane, por sua ajuda e também estímulo, mesmo antes de me tornar mestranda.

Aos professores Charbel El-Hani e Hilton Japyassu, da pós-graduação em Biologia da UFBA, por me possibilitarem aprimorar meu conhecimento sobre a teoria evolucionista.

Aos meus colegas de mestrado, especialmente à Samai Alcira Cunha, por sua imprescindível ajuda com a coleta. Às outras colegas que responderam à minha pesquisa, especialmente Viviane Mutti, Carla Fiaes, Alessandra Meira, Sâmia Carliris e Luciana Silva.

Agradeço ao Instituto do Milênio (CNPq) e à CAPES por possibilitarem as Missões PROCAD de Estudos em Psicologia Evolucionista, em Natal-RN, Belém-PA e São Paulo-SP, nas quais fui recebida e orientada pelas seguintes professoras: Maria Emília Yamamoto, Fívia Lopes, Regina Brito, Vera Bussab e Briseida de Resende.

Agradeço aos colegas que estiveram comigo nestas três missões, muitos para que eu pudesse citar individualmente, mas cada um ao seu jeito contribuiu para esta pesquisa. Com

carinho, agradeço a alguns: Vivianni Veloso, Anna Beatriz C. H. Rodrigues, José Henrique Benedetti e Carina Bossardi.

Aos pesquisadores, como L. Alan Sroufe, Ofra Maysel, Martin Daly e Margo Wilson (em memória), Maria Lúcia Seidl de Moura, Mauro Luís Vieira, Suemi Tokumaru, e Heidi Keller, que escutaram sobre minha pesquisa, deram idéias e me disponibilizaram textos.

Ao mestrando João Marcos de Oliveira, por sua ajuda com o texto.

Agradeço especialmente às 150 mulheres que responderam meu questionário, por tornarem esta pesquisa possível e por me fazerem acreditar que uma pesquisa pode fazer diferença.

Em muitos casos, as condições durante os primeiros anos podem ser bons preditores do que a vida será nos últimos anos.

David F. Bjorklund e Carlos Hernández Blasi

RESUMO

Teixeira, R. C. R. (2011). *Eventos estressores na infância e apego adulto*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

Alguns modelos teóricos derivados da teoria da história de vida propõem uma associação entre eventos estressores e trajetórias desenvolvimentais particulares, sendo o estresse relacionado ora com pobreza material, ora com ambiente psicossocial tumultuado. O problema seria identificar que eventos estressores influenciam o desenvolvimento, com foco no estilo de apego adulto. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo identificar eventos estressores específicos da infância; avaliar o apego adulto, e relacionar os eventos estressores na infância com o apego adulto. Foi utilizada uma abordagem descritiva e correlacional, tendo participado 150 mulheres, com idades entre 20 e 45 anos, selecionadas de forma acidental. Foi utilizado um questionário de história de vida; uma escala de apego, a Escala de Estilo de Relacionamento; e uma escala de estilo parental, o Instrumento de Vínculo Parental. A hipótese sustentada era a de que um adulto com apego mais inseguro estaria relacionado a presença de uma maior quantidade de eventos estressores específicos, dos tipos: familiar, psicológico e/ou material, na infância. Análises descritivas e inferenciais revelaram que um apego adulto mais inseguro esteve correlacionado positivamente com maior escolaridade materna, ter menos irmãos e ser mais jovem. A atmosfera familiar e o estresse psicológico tiveram um impacto maior no apego adulto do que variáveis relacionadas às condições materiais de vida da infância, indicativas de pobreza. Adultos que relataram ter experienciado mais eventos estressores do tipo psicológico tiveram um padrão de apego mais inseguro. Algumas variáveis relacionadas a adoecimento, criminalidade e morte do pai isoladamente resultaram em correlações positivas com o apego adulto mais inseguro. Isso sugere que experiências universais, não diretamente relacionadas à pobreza, podem ser ligadas ao apego adulto, e que o mesmo pode ser influenciado por eventos estressores que não apenas os relacionados ao vínculo com a figura de apego. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas utilizando a percepção do evento estressor, de forma que a universalidade do impacto do evento estressor no desenvolvimento seja explorada, especificamente no estilo de apego adulto.

Palavras-chave: eventos estressores; estilo de apego adulto; infância; pobreza.

ABSTRACT

Teixeira, R. C. R. (2011). *Stressful events in childhood and adult attachment*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

Some theoretical models derived from the life history theory suggest an association between stressful events and individual developmental pathways, that stress are related sometimes with material poverty, and sometimes with tumultuous psychosocial environment. The problem would be to identify stressful events that influence the development, focusing on adult attachment style. Thus, this research aimed to identify specific stressful events of childhood; assess the adult attachment, and relate the stressful events in childhood with adult attachment. It was used a descriptive and correlational approach, and 150 women participated, aged between 20 and 45 years, selected by accident. It was used a life history questionnaire, an attachment scale, the Relationship Style Scale, and a parenting style scale, the Parental Bonding Instrument. The hypothesis sustained was that an adult with more insecure attachment was related to the presence of a greater number of specific stressful events, of the types: familiar, psychological and / or material, in childhood. Descriptive and inferential analysis revealed that a more insecure adult attachment was positively correlated with higher maternal education, having fewer siblings and being younger. The familiar atmosphere and the psychological stress had a greater impact on adult attachment than variables related to the material conditions of life of childhood, poverty indicators. Adults who reported having experienced more stressful events of psychological type had a more insecure attachment pattern. Some variables related to illness, crime and death of the father alone resulted in positive correlations with the more insecure adult attachment. This suggests that universal experiences, not directly related to poverty, can be linked to adult attachment, and that it can be influenced by stressful events not only those related to the bond with the attachment figure. It is suggested that further research be conducted using the perception of the stressful event, so that the universality of the impact of the stressful event be exploited in the development, specifically in adult attachment style.

Keywords: stressful life events, adult attachment style, childhood, poverty.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista das variáveis <i>Estresse material</i> , <i>Estresse psicológico</i> , <i>Estresse familiar</i> e <i>Índice de Hollingshead</i>	59
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas das participantes.....	67
Tabela 2 – Características sociodemográficas da família das participantes.....	68
Tabela 3 – Frequência dos eventos estressores na amostra.....	70
Tabela 4 – Coeficientes de correlação de Pearson entre os fatores de apego.....	72
Tabela 5 – Coeficientes de correlação de Pearson entre <i>Estresse material, Estresse psicológico e Estresse familiar</i>	75
Tabela 6 – Coeficientes de correlação de Pearson entre os fatores de apego e de estresse e o Índice de Hollingshead.....	76
Tabela 7 – Média dos fatores de apego quanto aos estilos parentais.....	79
Tabela 8 – Médias dos fatores de apego quanto ao estilo parental materno.....	81
Tabela 9 – Médias dos fatores de apego quanto ao estilo parental paterno.....	83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Abordagem geral: Psicologia Evolucionista.....	16
2.2 Delimitação conceitual.....	23
2.2.1 Eventos estressores	23
2.2.2 Apego adulto	30
3. REVISÃO DE LITERATURA	39
3.1 Apego infantil, desenvolvimento e apego adulto.....	39
3.2 Pobreza, desenvolvimento, eventos estressores e estilo de apego.....	41
4. MÉTODO	56
4.1 Participantes.....	56
4.2 Instrumentos.....	57
4.2.1 Questionário sociodemográfico e de eventos estressores	57
4.2.2 Escala de estilo parental	60
4.2.3 Escala de estilo de relacionamento	61
4.3 Procedimentos.....	63
4.4 Tratamento dos dados.....	63
5. RESULTADOS	66
5.1 Características da amostra.....	66
5.2 Eventos estressores.....	69
5.3 Apego adulto.....	71
5.4 Características da amostra e apego adulto.....	72
5.5 Eventos estressores e apego adulto.....	73
5.5.1 Eventos estressores isolados e apego adulto	77
5.5.2 Estilo parental e apego adulto	77

6. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
6.1 Uma visão geral.....	84
6.2 Resultados específicos.....	86
6.3 Alcance e perspectivas.....	93
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	
ANEXO A – Questionário sociodemográfico e de eventos estressores.....	106
ANEXO B – Instrumento de Vínculo Parental.....	113
ANEXO C – Escala de Estilo de Relacionamento.....	115
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre informado.....	116

1. INTRODUÇÃO

Estresse é uma resposta complexa do indivíduo frente a um evento percebido como desafiante ou ameaçador. Essa resposta envolve reações físicas, psicológicas, mentais e hormonais (Da Silva, 2005). As condições de vida na infância têm sido relacionadas a diversos tipos de eventos estressores presentes nas experiências individuais, sendo que essas condições têm sido estudadas sob diferentes perspectivas. Especificamente na teoria do investimento parental, recursos escassos estão associados a um ciclo vital mais rápido, o que envolve uma maturidade sexual precoce, mais filhos e menor investimento parental (Keller, 1996; Trivers, 1974).

A partir dessa perspectiva, alguns pesquisadores em psicologia têm proposto modelos para explicar a maturidade sexual, a homossexualidade e os padrões de cuidado parental, a partir das experiências na infância (Belsky, Saffee, Hsieh & Silva, 2001; Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Belsky, et al., 2007; Ellis & Garber, 2000; Pettit, Batters & Dodge, 1997). De modo geral, supõe-se que essa continuidade entre experiências na infância e padrões de comportamento adulto é mediada pelo desenvolvimento de modelos de apego, que guiam os padrões de interação social e a formação de relacionamentos, de curto e longo prazo, e amizades (Bowlby, 1984/2002; Collins & Read, 1990; Kaplan, Sadock & Grebb, 2002; Mayseless, Danieli & Sharabany, 1996; Sroufe & Flession, 1986).

Alguns desses modelos associam o nível de estresse na infância a trajetórias reprodutivas particulares, sendo o estresse relacionado ora com pobreza material e/ou imprevisibilidade de recursos, ora com ambiente psicossocial tumultuado, ausência do pai ou presença de um padrasto (Belsky et al., 1991). Isso coloca, então, o problema de identificar os eventos estressores mais precisamente, especificando a natureza dos acontecimentos responsáveis pelo fenômeno: pobreza material ou ambiente psicossocial.

Diante destas questões, o presente projeto buscou identificar eventos estressores no contexto de teorias evolucionistas, como a teoria da história de vida, a teoria do investimento parental e a teoria do apego, explorando sua relação com o apego adulto. Além das implicações para o desenvolvimento destas teorias, os resultados desta pesquisa podem ter impactos significativos em situações práticas: políticas públicas e técnicas de trabalho no campo psicossocial, que recorrem à avaliação das condições de vida como fatores de risco e proteção à saúde.

De acordo com Loureiro e Sanches (2006), o estudo dos eventos de vida na infância é recente. Poucas pesquisas levam em consideração a subjetividade do respondente, as variáveis internas do indivíduo que influenciam sua lembrança e o contexto de desenvolvimento. Os mesmos autores apontam a necessidade de especificar os eventos estressores de maior impacto no desenvolvimento. A teoria do investimento parental aplicada ao ciclo de vida da espécie humana, particularmente às mulheres, também requer um maior refinamento dos conceitos e sua ilustração em fenômenos empíricos descritos precisamente.

No Brasil, atualmente, é importante entender os efeitos de eventos estressores no desenvolvimento, devido à sua peculiaridade: processos acelerados de urbanização e industrialização, acesso desigual aos cuidados de saúde, condições de moradia inadequadas, distribuição desigual da renda, desemprego, altas taxas de violência e criminalidade (Lopes, Faerstein & Chór, 2003). Os efeitos de longo prazo associados à ocorrência de eventos de vida produtores de estresse, assim como fatores que potencialmente modifiquem seu impacto, por exemplo, apoio social, ainda não foram totalmente explorados.

Belsky et al. (2007) sustentam que a ligação entre o estresse e o desenvolvimento psicológico e comportamental é intrigante e complicada, mas importante o suficiente para ser estudada. Eles sugerem que as pesquisas devem levar em conta não só a noção de que as crianças são influenciadas pelo estresse proveniente do cuidado parental, mas que elas irão

variar em como serão afetadas.

A proposta deste estudo também se justifica pela importância dos eventos estressores da infância que possam estar envolvidos no desenvolvimento de patologias na vida adulta (Lipp, 2000a). Entre estas estão as patologias ligadas ao estilo de apego inseguro (Hinnen, Sanderman & Sprangers, 2009).

Este projeto constitui um desenvolvimento subsequente do estudo “Fatores bioecológicos e culturais na concepção e organização do cuidado à criança” (Lordelo, 2009), e do projeto “*O moderno e o ancestral: a contribuição da Psicologia Evolucionista para a compreensão dos padrões reprodutivos e de investimento parental humano*”, de autoria de Moura e outros (s/ano). Em suas pesquisas, os autores trabalharam com a teoria do investimento parental para entender a caracterização de valores, crenças e práticas de criação de filhos. Estes seriam, por um lado, compartilhados, e por outro, distintos em grupos urbanos e rurais de diferentes ambientes culturais, segmentados por nível socioeconômico. Também foram estudadas as condições ecológicas atuais e da história de desenvolvimento da mãe, com ênfase em sua carreira reprodutiva.

Na presente pesquisa discutem-se as condições ecológicas da infância com foco no apego adulto. Ela teve como objetivo identificar eventos estressores na infância e explorar sua relação com o apego adulto. Para isto, foram descritos os eventos estressores na infância, identificado os fatores do apego adulto, e os eventos estressores na infância foram relacionados com o apego adulto.

A principal questão foi a de que eventos estressores específicos, materiais, familiares e psicológicos, da infância se relacionariam com o apego adulto. Diante deste problema, a hipótese levantada foi a de que um estilo de apego inseguro estaria relacionado a uma maior quantidade de eventos estressores específicos.

2 FUNDAMENTAÇÃO

Para atingir os objetivos acima descritos fez-se necessário discutir a abordagem que foi utilizada nesta pesquisa, a psicologia evolucionista, e suas teorias de nível médio.

2.1 Abordagem geral: psicologia evolucionista

A psicologia evolucionista é uma abordagem neo-evolucionista, surgida nos anos 1980, a partir da revolução cognitiva e do estudo de mecanismos psicológicos evoluídos, por pesquisadores como Leda Cosmides e John Tooby. O objetivo da psicologia evolucionista é mapear a arquitetura neural e cognitiva dos humanos, um conjunto de “máquinas computacionais” (Laland & Brown, 2002, p.54), desenhadas pela seleção natural para resolver problemas adaptativos, característicos da época dos caçadores-coletores (Cosmides & Tooby, 2003). A mente poderia ser descrita em termos de processamento de informação e necessitaria de procedimentos ou informações pré-especificadas, isto é, mecanismos inatos (Laland & Brown, 2002).

Os psicólogos evolucionistas estudam o desenho da mente humana através da pesquisa dos diferentes programas cognitivos que ela contém. Fontes importantes de dados são os estudos sobre povos caçadores-coletores e primatas não-humanos, utilizando visões modernas do adaptacionismo. Os programas ou mecanismos cognitivos teriam evoluído e resolveriam questões como parentalidade, interação social, ciúme sexual, acasalamento, forrageamento (busca de alimentos), coalizações, evitação do incesto, entre outros (Cosmides & Tooby, 2003).

Para atingir esse objetivo, o método que eles utilizam é o chamado de engenharia reversa, isto é, através do estudo da mente atual, os psicólogos tentam entender quais

componentes são funcionais, a partir dos problemas que ela precisou resolver milhões de anos atrás. Segundo os autores supracitados, a psicologia evolucionista provê hipóteses sobre os problemas com os quais se defrontavam os seres humanos. Embora esses problemas possam não ser exatamente os mesmos atualmente, os mecanismos se mantêm, o que produz um amplo campo de pesquisa sobre o seu funcionamento atual, em condições um tanto diversas.

Alguns destes mecanismos estariam relacionados a dar à luz, conseguir suporte social em bandos, lembrar-se da localização de plantas comestíveis, amamentar, identificar objetos, reconhecer emoções, manter relacionamentos, proteger membros da família, entre outros. A partir destas questões, os psicólogos evolucionistas tentam entender o desenho da mente universal (Cosmides & Tooby, 2003).

A adaptação não depende apenas dos genes, é necessário um ambiente específico para que ela possa se desenvolver. Ela depende de estímulos que acionem disparadores, sensíveis aos *inputs* interno e externo. Isto é, a psicologia evolucionista não é similar à genética do comportamento; ela procura manifestações de uma mesma arquitetura de mente em um contexto e história de vida diferente (Cosmides & Tooby, 2003).

Segundo Ketelaar e Ellis (2000), a meta-teoria evolucionista deve ser adotada pela psicologia do desenvolvimento devido à falta de uma teoria interna coerente. A psicologia evolucionista proveria um delineamento mais amplo para o estudo da psicologia, isto é, pressupostos que ajudariam a distinguir *a priori* entre hipóteses plausíveis ou não. Para isso, devem ser utilizados princípios gerais da evolução genética, retirados da teoria da evolução moderna, aplicados no entendimento da relação entre ambiente e desenvolvimento.

Bjorklund e Blasi (2005) também defendem a aplicação da perspectiva evolucionista à psicologia do desenvolvimento, para o estudo da interação entre criança e ambiente. Para estes autores, os seres humanos não herdam apenas genes, mas meio-ambientes típicos da

espécie, como a luz, a gravidade, o ar, a amamentação, o cuidado parental, entre outros. Desta forma, o que evoluem não são apenas os genes, mas sistemas desenvolvimentais.

O indivíduo precisa ser capaz de ajustar seus comportamentos ao ambiente, tanto infantil, quanto adulto. Para isso ele necessita ser sensível ao contexto, ter habilidades para regular o funcionamento fisiológico e psicológico e desenvolver disposições que serão generalizadas com o tempo. Estas seriam adaptações condicionais, isto é, mecanismos que avaliam a estabilidade de características do meio ambiente e produzem fenótipos mais adequados a ele. Um exemplo citado por Bjorklund e Blasi (2005), e que será discutido posteriormente, é o de que a criança criada em lares com alto estresse, recursos inadequados e parentalidade áspera e rejeitadora amadurece mais rápido do que crianças na situação oposta. Isso seria possível através de adaptações condicionais que avaliam e respondem ao ambiente de um modo mais apropriado ao contexto particular.

Para estudar o desenvolvimento infantil, os pesquisadores utilizam teorias de nível médio/intermediário, isto é, modelos teóricos específicos, que ligam concepções meta-teóricas a hipóteses específicas (Ketelaar & Ellis, 2000). As teorias de nível médio utilizadas nesta pesquisa foram a teoria do investimento parental, a teoria do apego e a teoria da história de vida, que consideradas em conjunto ajudam no entendimento do fenômeno complexo que é o apego adulto.

De acordo com Trivers (1974, p. 139), investimento parental é “qualquer investimento dos pais em uma prole específica que aumenta a chance de sobrevivência desta, e, portanto, seu sucesso reprodutivo, em detrimento da habilidade dos pais em investir em outra prole”. Sua teoria busca, então, prever o comportamento de pais de qualquer espécie diante de contextos específicos.

Esse comportamento varia segundo hormônios, como a prolactina e a cortisona,

especialmente entre machos e fêmeas. A origem desta diferença se inicia antes mesmo do nascimento, na criação de células sexuais. O sexo que investe mais nessa produção costuma ser aquele com maior investimento posterior, pois possui mais a perder na morte da cria. No caso humano, o sexo feminino. Para regular o investimento parental, os genitores avaliam o seu ambiente (Tokumar, 2009) em busca de sinais complexos: condição social do macho, fatores ecológicos, estratégias das fêmeas para induzir investimento paternal, qualidade da fêmea e diferenças genéticas nas estratégias sexuais pesam nas decisões, inconscientes, de em que prole investir, ou não investir (Vieira, Rimoli, Prado & Chelini, 2009).

Entretanto, em um determinado contexto, maus-tratos podem aparecer. De acordo com Tokumar (2009), este é um comportamento esperado em situações em que o custo do investimento em uma cria supera a interação entre benefício deste investimento para a cria e o grau de parentesco com ela. Daly e Wilson (2001) desenvolvem a idéia de um mecanismo psicológico de *solicitude parental seletiva*, que teria sido selecionado ao longo da evolução humana e que estaria por trás das decisões quanto ao investimento parental.

A idade dos pais, a idade da criança, o futuro esperado da criança e a ordem e o espaçamento dos nascimentos interferem nas decisões de maus-tratos. Condições sociais difíceis, ausência paterna e baixo valor da cria podem resultar em morte da mesma, caso não haja o apoio de uma comunidade, aparentada ou formal, à mãe. Desta forma, o investimento parental não depende apenas de genes, mas da consciência e do apoio social (Tokumar, 2009).

O investimento parental tem uma ligação íntima com o estilo de apego, visto a importância da figura de apego no desenvolvimento da criança. A teoria do apego, desenvolvida por Bowlby (1984/2002), também é uma teoria de base evolucionista e de nível médio. Bjorklund e Blasi (2005) citam o autor como um dos proeminentes teóricos do desenvolvimento que incorporou aspectos do pensamento evolucionista em sua teoria.

De acordo com essa teoria, as crianças possuem uma predisposição para a vinculação com uma figura humana em seus primeiros meses de vida. Os comportamentos de apego são comportamentos para a sobrevivência da espécie (Bowlby, 1984/2002; Palácios & Alvarez, 2006), sendo que essa predisposição foi selecionada a partir da interação da criança com o “meio ambiente de adaptabilidade” (Bowlby, 1984/2002, p.53), o ambiente no qual foram desenvolvidas estruturas biológicas e comportamentais.

É importante observar que, assim como foi discutido quanto à psicologia evolucionista, não é o comportamento instintivo que é herdado geneticamente, mas a potencialidade de desenvolvimento de um sistema integrado de controle, um modelo para o estudo de protótipos, no caso, estruturas comportamentais originais. A análise deste sistema, originário da engenharia e posteriormente desenvolvido na fisiologia, permite estudar a intencionalidade e o *feedback*. Os dois conceitos, relacionados ao comportamento humano, fazem referência a um objetivo predeterminado e a uma constante modificação do comportamento para sua adequação ao meio-ambiente (Bowlby, 1984/2002).

De acordo com a teoria do apego, o comportamento de crianças pequenas está intimamente relacionado com seu estado mental, sendo o apego uma tendência para a vinculação e manutenção de proximidade com outros indivíduos que são considerados mais fortes ou inteligentes. O apego, desta forma, seria fundamental para a sobrevivência, tema de estudo da psicologia evolucionista e uma das tarefas mais importantes do desenvolvimento (Bowlby, 1984/2002; Keller, 1996).

O desenvolvimento está sujeito a diversas influências do ambiente, entre eles os eventos estressores. Para entender a influência dos eventos estressores no ciclo vital, muitos pesquisadores utilizam a teoria da história de vida, também uma teoria de nível médio. De acordo com Kaplan e Gangestad (2005), ela diz respeito à alocação de energia finita que envolve trocas e decisões sobre no que investir esta energia, de forma a maximizar o seu

fitness, ou aptidão. Estas decisões estão envolvidas no desenvolvimento, crescimento, reprodução e envelhecimento durante todo o ciclo de vida.

Segundo Belsky et al. (2001), eventos como exposição ao divórcio, qualidade da relação entre os pais e crescer com apenas um pai ou padrasto são estressores. Além disso, medidas do ambiente no começo da infância, meio e adolescência sugerem estabilidade dos padrões. As associações entre cuidados de uma época e outra diminuem quanto mais aumenta o espaçamento entre elas, devido às limitações dos preditores e ao próprio desenvolvimento; entretanto, há muitos processos desenvolvimentais que se mantêm estáveis, pelo menos a partir do meio da infância.

Belsky desenvolve a teoria de história de vida ao criar a teoria evolucionista da socialização, que especifica fatores proximais, como contexto familiar, experiências da infância e desenvolvimento somático, combinando estes fatores com dois tipos de estratégia reprodutiva. O tipo I seria associado a poucos e inadequados recursos, correlacionados com alto nível de estresse e discordância matrimonial, acompanhado de baixo investimento parental, influenciando o clima emocional da família. O tipo II resultaria de harmonia conjugal na família e recursos adequados, e uma paternidade sensível e apoiadora (Keller, 1996). Isto é, estresse elevado prediria baixos níveis de esforço parental na população quando a criança alcançasse a idade adulta, o que favoreceria quantidade ao invés de qualidade e um início de reprodução mais fácil (Belsky et al., 2001).

Keller (1996) relaciona o tipo I ao apego inseguro, sendo que este afetaria negativamente o desenvolvimento cognitivo da criança. De acordo com o estudo de Lordelo et al. (2006), condições ecológicas da infância, ou seja, a presença dos genitores e os padrões reprodutivos maternos, influenciam o desenvolvimento infantil. Esta ligação envolveria a mediação dos processos de apego, que são afetados pelo investimento parental. O tipo I também estaria relacionado a um surgimento prematuro da puberdade, parentalidade

antecipada, com investimento parental limitado.

Quanto ao tipo II, estaria relacionado com o apego seguro e a um início tardio da puberdade e da atividade sexual, laços afetivos estáveis e maior investimento parental. A partir daí, seria construído um padrão intergeracional contínuo, em ambos os tipos de estratégias reprodutivas: por exemplo, as filhas com uma estratégia do tipo I, que tiveram mães pouco cuidadoras, se tornariam mães pouco cuidadoras, criando filhas com uma estratégia do tipo I (Keller, 1996).

Belsky et al. (2007) fazem uma ligação entre eventos estressores e protetores na família e o desenvolvimento psicológico e comportamental da criança. Alguns desses estressores são: parentalidade severa, relacionamento pai-filho conflituoso, relacionamento conjugal conflituoso, distanciamento no relacionamento pai-filho e divórcio. Eles influenciariam a forma como a criança enxerga o mundo: como um lugar precário, no qual não é possível confiar no cuidado ou suporte por outros, sendo isso especialmente forte em meninas.

Experiências entre os cinco e sete anos, como o divórcio e convivência com padrastos, mostram-se preditivas de comportamentos sexuais diferenciados, por exemplo, quanto à idade na menarca, na adolescência e vida adulta, apesar das variações individuais. Especialmente quanto às condições do cuidado, eles sugerem que a influência acontece em termos de domínios específicos, e não em domínios gerais, ou seja, as meninas sofrerão influência do cuidado no desenvolvimento em alguns aspectos do desenvolvimento, por exemplo, o autocontrole, e outros, não (Belsky et al, 2007).

Ellis e Garber (2000), também expandem a teoria da história de vida com sua teoria de aceleração psicossocial, relacionando a homossexualidade a grandes mudanças cognitivas e sociais. De acordo com essa teoria, um início adiantado da puberdade pode ter resultados

negativos quanto à saúde e psiquismo. Entre os estressores que podem influenciar a homossexualidade estão: depressão materna, conflito familiar, divórcio, recasamento, escassez de recursos, falta de positividade e suporte no relacionamento familiar, psicopatologia materna, doenças, má nutrição, abuso de álcool, e doença prolongada de um dos pais. O desenvolvimento e a homossexualidade estão intimamente relacionados com o estilo de apego adulto. Desta forma, é necessário estudar os estressores anteriores à adolescência.

A teoria da história de vida, assim como a teoria do investimento parental e a teoria do apego, auxilia no entendimento do apego adulto, um fenômeno complexo estudado pela psicologia. A próxima seção conceitua eventos estressores e apego adulto, para que seja possível estudar sua relação.

2.2 Delimitação conceitual

2.2.1 Eventos estressores

O desenvolvimento é dependente de uma interação entre homem e ambiente, na qual estão presentes fatores de risco e proteção, que influenciam a forma como patologias são desencadeadas nos indivíduos, ou como eles se protegem de eventos estressores (Cecconello & Koller, 2000). Segundo Murta e Tróccoli (2004), o estresse é resultado de uma interação entre aspectos físicos e psicológicos decorrentes da exposição do indivíduo a contextos que extrapolam as possibilidades de enfrentamento. Ele seria o resultado de uma adaptação inadequada a alterações impostas pelo ambiente externo, sendo consequência de formas não eficientes de enfrentamento de determinados problemas (Abreu, Stoll, Ramos, Baumgardt & Kristensen, 2002).

Masten et al. (1990) definem “eventos estressores” (p.243) como ocorrências durante a vida que modificam o ambiente e provocam uma tensão que interfere nas respostas emitidas pelo indivíduo. Alguns eventos estressores que influenciariam o desenvolvimento seriam o *status* socioeconômico, condições adversas de criação, estabilidade familiar, complicações de nascimento, inteligência, entre outros.

Diante de ameaças como quebra dos laços familiares, separação, privação de necessidades afetivas básicas, entre outras, o ser humano aumentaria sua vulnerabilidade (Sampaio e Galasso, 2005) e tentaria voltar a um estado de equilíbrio anterior à ameaça, uma resposta que exige uma grande quantidade de energia física e psíquica (Lipp, 2000b).

Lipp (2000a), ao estudar a infância, fez uma lista de estressores: brigas dos pais, vivência escolar difícil, morte na família, exigências e/ou rejeição de colegas, disciplina severa dos pais, hospitalização, acidentes, nascimento de irmãos, doença e mudança de casa, de escola ou de empregada. Segundo a autora, eles podem estar relacionados com sintomas depressivos em outros momentos do curso da vida, resultando em danos para o desenvolvimento global do indivíduo.

Kristensen, Leon, D’Incao e Dell’Aglío (2004) são outros autores que confirmam a falta de consenso na literatura quanto aos eventos de vida estressores. Além disso, a forma como os eventos são acessados, se de forma transacional ou como um *checklist*, varia na literatura. A forma transacional seria aquela que dá atenção à avaliação cognitiva do evento. Para eles, a percepção de um evento estressor é a “intensidade atribuída pelo sujeito que experiencia o evento estressor” (p.45).

Loureiro e Sanches (2006), ao estudar o efeito dos eventos de vida no desenvolvimento infantil, vêem-nos como eventos inesperados, que podem ter efeitos tanto positivos quanto negativos. Neste último caso, tornam-se fontes de estresse e vulnerabilidade.

Quando o estresse é positivo, isso é, é enfrentado e controlado, ele pode fortalecer a defesa da pessoa contra novos eventos.

Os autores supracitados, a partir de uma abordagem evolucionista, discutem que os recursos de adaptação social da criança são necessários não apenas para as tarefas evolucionistas, como também para as necessidades do dia-a-dia. As crianças estariam expostas a situações estressantes que podem estar fora de seu controle, por envolverem pessoas como seus pais, seus professores, outros membros da família e a própria situação socioeconômica. A forma como a criança pode lidar com estas situações depende dos seus recursos (*coping*) e de suas crenças de controle, isto é, do que acredita ser sua responsabilidade (Loureiro & Sanches, 2006).

Poletto, Koller e Dell'Aglio (2009) identificam os eventos estressores na próxima etapa do desenvolvimento, a adolescência: divórcio dos pais, abuso sexual/físico, ausência de rede de apoio social/afetiva, ficar grávida/namorada ficar grávida, fazer aborto/namorada fazer aborto, problemas com a polícia, recasamento dos pais, tirar notas baixas, ser suspenso da escola, ser xingado ou ameaçado, ter dificuldade em fazer amizades, ter que viver em abrigo, sofrer humilhação ou ser desvalorizado, entre outros. Esses eventos não teriam uma relação sem interferências, mas dependeriam da frequência, intensidade, duração e severidade.

Além disso, o impacto dos eventos estressores dependeria de como são percebidos, pois uma criança pode enfrentar e superar um evento mais rápido do que outra. Mas, de forma geral, uma criança estará em situação de risco quando estiver exposta a “eventos de vida estressores” (Poletto, Koller & Dell'Aglio, 2009, p.456), que interferem em seu desenvolvimento. Percepção de eventos estressores, no caso, é definida como “percepção de precariedade, ausência de possibilidades e esperança” (p.456), o que diminuiria a capacidade de resiliência e agravaria a vulnerabilidade.

Além dos eventos já listados, um em especial tem um campo de estudo bastante diversificado: a pobreza. Ribas Jr, Moura, Soares, Gomes e Bornstein (2003), entendendo que o contexto é relevante para compreender processos psicológicos, ligam o *status* socioeconômico ao contexto de desenvolvimento de um indivíduo. Segundo os autores, a pobreza não está associada diretamente ao *status* socioeconômico, entretanto, esta foi a forma encontrada no presente estudo para o acesso à pobreza.

Em uma extensiva revisão sobre o estudo do *status* socioeconômico no Brasil, estes autores encontraram que no Brasil a variável socioeconômica é frequentemente usada, mas raramente é esclarecida sua forma de avaliação. Além disto, poucos estudos usam escalas ou critérios considerados aceitáveis. Quanto aos achados internacionais, houve um aumento de 100% de estudos que usam a variável *status* socioeconômico, em 12 anos, e o aperfeiçoamento de escalas, o que aumenta a importância da necessidade de estudos brasileiros mais acurados (Ribas Jr et al, 2003).

De acordo com Halpern (1990), a pobreza agiria através dos pais e de seus comportamentos em relação à criança. Mas também impossibilitaria moradia adequada, acesso à saúde, nutrição, ambientes seguros e escolas com recursos. Os pais agiriam como mediadores entre a criança e o ambiente, protegendo-a e significando e ressignificando o ambiente. A própria parentalidade é dependente de diversos fatores, entre eles características da criança, características pessoais dos pais, fatores situacionais, características da comunidade e fatores socioculturais. Tem ganhado maior aceitação a hipótese de que a pobreza aumentaria a probabilidade da parentalidade severa ser um fator de risco ao invés de proteção, através do estresse, dificuldades financeiras e frequente desumanização (Halpern, 1990).

A expressão da pobreza na família, entretanto, é variada. Ela depende da forma como a família experiencia, interpreta e maneja as dificuldades. Muitas crianças possuem suporte

emocional na família extensa e possuem pais que internalizaram o cuidado e a educação de uma figura especial em algum ponto de suas vidas, sendo estes fatores de proteção diante dos eventos estressores. Segundo Lipp (2000a), até fortes vínculos secundários podem proteger as crianças de separações dos seus pais. Outros fatores que influenciariam seriam o momento do nascimento do filho, quantos filhos vieram antes e após este, bem como a história do relacionamento.

Cecconello e Koller (2000) acreditam que a competência social e a empatia são fatores de proteção diante da pobreza, por causa da facilidade em estabelecer amizades. As famílias podem enfrentar adaptativamente os eventos estressores associados à pobreza se forem capazes de estabelecer redes de apoio, pois as redes formais de apoio costumam ser inexistentes ou desmoralizantes, devido à deterioração do tecido social em comunidades de baixa renda (Halpern, 1990). O estudo de Poletto et al. (2009) também cita pobreza, empobrecimento, baixa escolaridade, ocupação de baixo *status* dos pais como condições negativas para o desenvolvimento.

Como foi discutido por Halpern (1990), a interação entre pobreza e parentalidade severa pode ser importante para entender o desenvolvimento humano em alguns contextos. De acordo com Maccoby (2000), há uma associação forte entre variáveis parentais e o desenvolvimento da criança, por exemplo, na responsabilidade social, depressão na adolescência e comportamentos de internalização. Maccoby e Martin (1983) afirmam que esta relação entre parentalidade e desenvolvimento infantil surge tanto em correlações quanto em análises multivariadas e longitudinais complexas.

Os pesquisadores desta área estudam os estilos e as práticas parentais. Eles diferenciam práticas parentais de estilos parentais, sendo que as práticas dizem respeito a comportamentos específicos, e os estilos envolveriam padrões de controle e afetividade. Os estilos parentais seriam um conjunto de expressões (atitudes e manifestações não verbais) dos

pais em direção aos seus filhos, que caracterizam a natureza da interação entre estes. Os estilos moderariam as práticas parentais e seu efeito no desenvolvimento dos filhos (Stevenson-Hinde, 1998).

Nos primeiros estudos, os estilos eram diferenciados em coercitivo, baseado no valor da obediência, e permissivo, baseado na necessidade de prevenir a ansiedade infantil (Baumrind, 1997). Esta se manteve até o surgimento de modelos com três dimensões, que levavam em conta a emoção e o comportamento envolvidos nas crenças parentais. A partir daí, os estilos começaram a ser classificados em autoritativo (protetivos, mas não intrusivos), autoritário (alta exigência e baixa tolerância) e permissivo (Baumrind, 1966).

Os pais que possuem o estilo parental autoritativo reconhece os interesses da criança, ao mesmo tempo que direciona as atividades dela de uma forma racional. Os pais do estilo parental autoritário controlam e avaliam o comportamento da criança, valorizando a obediência como virtude e restringindo a autonomia dela. Por fim, quanto aos pais do estilo permissivo, eles discutem as normas da família com a criança, aceitam os impulsos e desejos da criança, permitindo que ela regule suas atividades (Baumrind, 1966).

Outros autores dividiram o padrão permissivo em indulgente e negligente. Desta forma, o cruzamento das duas dimensões envolvidas, responsividade e exigência, produziria quatro estilos parentais: autoritativo, autoritário, permissivo e negligente. No primeiro, há alto controle e alta responsividade; no segundo, alto controle e baixa responsividade; no terceiro, baixo controle e alta responsividade; e no último, baixo controle e baixa responsividade (Maccoby & Martin, 1983).

Parker (1992) entende esses estilos também segundo duas dimensões: cuidado/afeto e controle. A primeira contrasta com frieza e rejeição e a segunda com autonomia psicológica. Estas dimensões são cruzadas de forma a encontrar quatro estilos: Restritivo afetuoso (alto

cuidado e alto controle), Parentalidade ótima (alto cuidado e baixo controle), Controle sem afeto (baixo cuidado e alto controle), e Parentalidade negligente (baixo cuidado e baixo controle); que poderiam ser relacionados, respectivamente, aos estilos Autoritativo, Indulgente, Autoritário e Negligente.

De acordo com Reppold (2001), Baumrind (1966, 1997), Maccoby (2000), Maccoby e Martin (1983), Stevenson-Hinde (1998), o estilo parental está relacionado ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Steinberg, Lamborg, Darling, Mounts e Dornbush (1994) conectam o estilo autoritativo aos melhores níveis de adaptação psicológica e o estilo negligente, aos piores. Os filhos de pais autoritativos teriam melhor desempenho escolar, menores escores em escalas de ansiedade e depressão, e menor envolvimento em uso de drogas e criminalidade. A ligação entre adaptação psicológica e estilo parental não sofreria influência de variáveis como condições socioeconômicas e constituição familiar; com exceção da etnia. Estes efeitos persistiriam durante a adolescência, mantendo a estabilidade.

Hauck et al. (2006) sinalizam que o “comportamento real dos pais” (p. 162) seria central para o desenvolvimento de estratégias de *coping* diante de eventos durante a vida. Em seu estudo sobre o *Parental Bonding Instrument* (PBI) (Parker, 1992), eles discutem como a falta de afeto na presença de excesso de controle esteve associada com depressão, ansiedade, suicídio, transtorno de personalidade, entre outras psicopatologias. O afeto/cuidado estaria relacionado com calor, disponibilidade, cuidado e sensibilidade, claramente opostos à frieza e rejeição. Quanto ao constructo controle/proteção, haveria uma dicotomia interna, em que intrusão estaria em oposição a encorajamento da autonomia.

Belsky et al. (2007) estudaram o impacto diferencial de relacionamentos positivos na infância, especialmente os familiares, e dos negativos. O primeiro estaria relacionado à proximidade; o segundo, ao conflito e ao controle. Tal fator seria tão importante que eles se questionam se seria a presença/ausência do pai mais impactante do que a qualidade do

relacionamento entre o pai e o filho.

Há vários estudos sobre estresse que não classificam os tipos de eventos estressores e há aqueles que os classificam, como os de Poletto et al. (2009), por exemplo, em familiares, escolares e de domínio pessoal. Neste estudo, decidiu-se classificá-los quanto a materiais, psicossociais e familiares. O evento estressor do tipo material é aquele relacionado a situações de pobreza; os psicossociais, aqueles relacionados a situações comuns a qualquer classe socioeconômica; e os familiares, aqueles intimamente relacionados à vivência familiar.

2.2.2 Apego adulto

A ontogênese do indivíduo é importante para este estudo, sendo o apego uma importante tarefa desenvolvimental. O apego é desenvolvido, em média, durante os primeiros doze meses de vida, devido a um sistema integrado de comportamento que tem como finalidade a proximidade com uma figura materna (Bowlby, 1984/2002). A formação do apego seria a tarefa desenvolvimental inicial que aparece mais cedo, de acordo com Keller (1996), e as fases necessárias para o seu desenvolvimento demonstrariam seu caráter epigenético (estruturas novas são formadas progressivamente): cada uma necessita dos resultados da fase anterior, na qual os organismos têm papéis ativos.

De acordo com Bowlby (1984/2002), a primeira fase dura cerca de oito semanas, podendo se estender em situações precárias. Os bebês utilizam estímulos olfativos e auditivos para perceber a proximidade de qualquer pessoa. Após isso, emitem sinais que aumentam o tempo em que esta pessoa passa com eles. Na segunda fase, a criança começa a discriminar a figura materna das outras, comportando-se mais amistosamente. Esta fase costuma durar até cerca dos seis meses de idade.

A terceira fase, segundo o autor, caracteriza-se pela criança seguir a mãe caso ela se afaste, de recebê-la com alegria ao retornar e de usá-la como base para explorar o ambiente. A discriminação entre as pessoas conhecidas aumenta e os estranhos costumam ser tratados com cautela. Nesta fase, que dura até o segundo ou parte do terceiro ano, torna-se evidente o apego do bebê à figura materna (Bowlby, 1984/2002), caso este seja o caso, ou à figura com maior proximidade afetiva.

Na quarta fase, a partir da metade do terceiro ano de vida, a criança consegue, ao observar o comportamento materno e o que o influencia, entender algumas causas de seu comportamento e ter uma visão mais refinada do seu mundo. A partir daí, seu comportamento também se torna mais flexível e uma parceria com a figura de apego é formada. Quanto à questão de quando o apego surge, o autor discute que ele se torna óbvio na terceira fase, entretanto, como foi discutido por Keller (1996), cada fase necessita de resultados da fase anterior, sendo o apego decorrente do processo total, e não da fase em si.

A primeira organização comportamental é formada pela díade criança-cuidador (Sroufe & Flesson, 1986); desta forma, os padrões de relacionamentos são aprendidos meramente por fazerem parte do relacionamento, sem a necessidade de associação com reforçadores primários, como alimentação, por exemplo. A partir do desenvolvimento do apego, desenvolve-se o *self*, tornando-se difícil mudá-lo com o tempo (Kirsh & Cassidy, 1997; Sroufe & Flesson, 1986).

É possível definir apego como uma tendência universal, de base biológica, a estabelecer vínculos emocionais íntimos entre criança e cuidadores, especialmente a mãe, e que prosseguem ao longo da vida adulta (Bowlby, 1984/2002; Kornadt, 2002, Martínéz & Santalices, 2005a). Esta tendência direciona para a manutenção de proximidade de figuras de apego em determinadas situações, como medo, ansiedade ou estresse (Palacios & Álvarez, 2006), utilizando um sistema motivacional com base biológica.

Uma forma estruturada de avaliar o estilo de apego na infância é o “Procedimento da Situação Estranha” de Ainsworth (1978), na qual as crianças são classificadas em estilos de apego: seguro, ansioso e evitativo/esquivo, e ansioso e resistente. Neste experimento, a criança e sua mãe são colocadas em uma sala estranha, com brinquedos desconhecidos da criança. Inicialmente elas são deixadas sozinhas brincando, até que um estranho entra na sala. A mãe então sai da sala e deixa a criança com o estranho. Algum tempo depois a mãe retorna e o estranho sai. Após alguns momentos, a mãe novamente sai, mas diferente do outro momento, deixa a criança sozinha. O estranho retorna à sala e brinca com a criança. Por fim, o estranho sai e a mãe retorna. O objetivo do experimento é observar o comportamento da criança e da mãe, em cada situação.

Em pesquisas utilizando este experimento foi encontrado que as crianças seguramente apegadas brincam ativamente, motivadas e entusiasmadas. Não demonstram angústia durante a saída da mãe e são por elas confortadas após esta ausência. Além disso, são cooperativas com suas mães, as informam se o problema está além de suas capacidades, atendendo às suas dicas verbais e posturais (Sroufe & Flession, 1986).

A criança ansiosamente apegada e esquivada/evitativa explora o território durante a ausência e não fica sobressaltada com o estranho, muitas vezes brincando com o mesmo. Após a reunião, fica em um conflito de busca/evitação da mãe (Dalbem & Dell’Aglío, 2005). As mães são menos responsivas e mais intervenientes, tendo repulsa diante do contato físico dos filhos (Sroufe & Flession, 1986).

Já a criança resistente/ambivalente não explora o ambiente e tem comportamentos ambivalentes de busca e evitação da mãe quando ela volta (Dalbem & Dell’Aglío, 2005). Elas apresentam pobreza de exploração, baixo limiar de ameaça, grande dificuldade em fazer acordos e um contato misturado com raiva. Há ainda um quarto grupo de apego, proposto por Main e Solomom (1990): o apego desorganizado/desorientado. As crianças deste grupo, na

experiência Situação Estranha, apresentam comportamentos contraditórios, impulsividade, estados de transe e perturbações.

Em sua pesquisa de 1997, Kirsh e Cassidy encontraram que crianças inseguramente apegadas passam menos tempo olhando para imagens de díades seguras e felizes, pois estas situações não teriam sido experienciadas por elas, divergindo de seus modelos representacionais. Por outro lado, as crianças seguramente apegadas lembram mais de histórias, tanto positivas quanto negativas, do que as inseguramente apegadas, sendo a memória um mecanismo de regulação do apego, confirmando a hipótese de que crianças com o estilo de apego seguro estão mais abertas para tipos variados de emoção.

Segundo os autores, a criança com apego seguro vê a figura de apego como normalmente disponível e responsiva. A responsividade é um fenômeno importante para o apego, sendo ela a capacidade de cuidar da criança, ser sensível às suas dicas, e responder de forma adequada a elas (Bretherton, 1992; Ribas, Moura & Ribas Jr., 2003).

Quanto ao tipo de apego ansioso/evitativo, a hipótese é de que a partir do relacionamento com a mãe, as crianças passaram a acreditar que em tempos de estresse sua cuidadora não estará emocionalmente disponível; portanto, esses momentos tornam-se importantes. O preditor de um padrão ansioso seria a falta de uma estrutura familiar estável e a percepção da mãe como não cuidadora e não competente (Kirsh & Cassidy, 1997).

Quanto aos ambivalentes, a hipótese é de que essas crianças tiveram uma história inconsistente de cuidados. Diante de uma situação de resolução de problemas, suas mães tinham suporte inconsistente, dicas não claras e táticas coercitivas (Sroufe & Flession, 1986). Por fim, quanto às de apego desorientado, essas crianças teriam sofrido uma experiência de abuso ou possuído pais com transtornos psiquiátricos ou que faziam uso de substâncias psicoativas (Main & Solomon, 1990).

É importante ressaltar, porém, que crianças formam apegos diferentes com suas mães e com seus pais, enquanto pais e mães comportam-se diferencialmente com seus filhos que nascem em primeiro, segundo, terceiro... (Suloway, 2007). Além de uma relação diferente, mudanças ambientais como acidentes e doenças, eventos estressores presentes no desenvolvimento humano, podem influenciar o apego (Keller, 1996).

Esses primeiros vínculos são a base para a formação do estilo de apego em geral, isto é, o apego repercute em outras áreas da vida, além do relacionamento com a figura de apego. De acordo com Sroufe e Flesson (1986), na escola as crianças inseguras e evitativas procuram desesperadamente contato em certas situações seguras, se aproximando dificilmente dos professores, mesmo quando machucados ou desapontados. Por outro lado, as crianças resistentes/ambivalentes mostram uma dependência crônica, sendo sedutoras e esperando ser abordadas pelos professores.

A partir da adolescência, as condições que eliciam os comportamentos de apego diminuem, e quando elas acontecem, a resposta tende a ser de baixa intensidade. Passa a ser cada vez mais simbólica, por exemplo, através de cartas e fotos. O comportamento de apego é dirigido para outros adultos e os comportamentos evitativos aumentam em relação aos pais, segundo Dalbem e Dell’Aglia (2005), porque os jovens buscam desenvolver suas próprias identidades pessoais.

Com a entrada na adolescência, a rede social se expande e as relações começam a ser moldadas pela atração sexual, apesar de todas elas serem influenciadas pelos vínculos infantis. Mesmo com esta influência, porém, os comportamentos de apego são diferentes dos comportamentos sexuais quanto à forma de ativação, aos objetos aos quais se direcionam e à fase em que ocorrem (Bowlby, 1984/2002).

Os relacionamentos iniciais influenciam a formação da personalidade, produzem

expectativas sobre futuros relacionamentos (fazendo a pessoa escolher situações que confirmem essas mesmas expectativas), modelam a forma como a pessoa faz e entende um relacionamento e prevêm diferenças individuais em organizações comportamentais (personalidade) e na qualidade de relacionamentos tardios (Sroufe & Flesson, 1986). Isto é, dependendo das experiências de apego na infância, as relações instituídas na vida adulta serão diferenciadas, tanto amorosas quanto sociais ou de trabalho.

Estas relações dizem respeito ao tipo de comportamento apresentado em situações de separação da figura de apego, que é acionado em qualquer momento e persistem durante toda a vida (Kaplan et al., 2002). Este comportamento de apego seria um “conjunto integrado de sistemas comportamentais destinados à restituição da segurança pessoal” (Abreu, 2005, p.52), havendo uma tendência para atualizar os tipos de apego ao longo da vida adulta.

O adulto possui um *modelo interno de trabalho*, ou modelo de funcionamento interno, estruturas cognitivas que orientam as interações subsequentes ao longo da infância, que é criado na infância e atualizado durante o ciclo de vida. Este modelo é constituído pela internalização de regras aprendidas na infância e representações mentais e expectativas sobre a percepção do ambiente, de si mesmo e das figuras de apego (Bowlby, 1984/2002). São estes modelos de funcionamento interno que permitem uma recriação (repetição) do padrão de modelo interno de apego primário.

Na teoria do apego, há sempre dois conjuntos de fenômenos em interação: o ambiente no qual a pessoa vive, que pode ser receptivo, inconstante ou hostil; e o modelo de funcionamento interno (Dalbem & Dell’Aglio, 2005), o qual direcionaria não apenas sentimentos e comportamento, mas também atenção, memória e cognição. Os modelos de funcionamento interno não interferem apenas nos vínculos familiares e amorosos, mas também nos vínculos sociais (Collins & Read, 1990). Estes modelos tendem a possuir uma alta estabilidade ao longo da vida, apesar de poderem sofrer modificações ao longo do tempo,

por exemplo, após um processo psicoterápico (Palacios & Álvarez, 2006).

Na vida adulta, pessoas seguramente apegadas saem de suas casas e moram com um par romântico, porém, as pessoas que desenvolveram os modelos representacionais de si evitativo e ambivalente/resistente possuem mais dificuldades em transferir seus comportamentos de apego para outra figura. As estratégias diante da separação são semelhantes às da infância, porém com maior complexidade: os seguramente apegados não vêem a separação como uma ameaça, os ambivalentes/resistentes respondem com grande intensidade, sentindo-se rejeitados e ansiosos, e os evitativos respondem com pouca intensidade, mantendo-se distanciados e frios (Mayseless et al., 1996).

Mayseless et al (1996) estudaram uma amostra composta por israelenses e imigrantes que moravam em Israel, utilizando um Questionário de preocupações do apego, adaptado do questionário de Collins e Read (1990); um Questionário de informações antecedentes; e um Teste de ansiedade de separação. De acordo com a pesquisa, jovens com idade média de 24,4 anos, se adultos com apego seguro, em sua maioria saíram de casa e 74% moravam com colega de quarto ou parceiros, enquanto 24% moravam com um parceiro amoroso (sendo este a pessoa escolhida como mais próxima); 27% eram casados e mantinham o maior nível de comunicação com suas mães. Os adultos com apego ambivalente também tendiam a sair de casa, contrariando a predição, mas moravam a sós ou com um colega de quarto (59%) e eram todos solteiros. Importante ressaltar, entretanto, que estes dados não são universais, uma vez que o sair de casa mais cedo é culturalmente esperado em alguns países, mas não em outros.

Apenas 78% dos adultos com apego ambivalente que tinham um parceiro romântico o escolheram como a pessoa mais próxima, comparado aos 100% do grupo seguro. Os adultos com apego inseguro e evitativo foram os que mais mantiveram proximidade com a família de origem (44%). Apesar disso, eles não tinham uma melhor comunicação com a família (Mayseless et al., 1996). Outra diferença na vida adulta é que as mulheres costumam ter mais

comportamentos de apego do que os homens, sendo que os comportamentos de apego são “disparados” diante de doenças, calamidades e situações de perigo (Abreu, 2005).

O modelo interno de trabalho também influencia a escolha da figura amorosa, existindo uma maior propensão da pessoa seguramente apegada de se vincular a outra com estilo seguro, e de uma pessoa com estilo de apego evitativo vincular-se a uma ambivalente/resistente; dessa forma, as crenças de que não é amada, no caso dos ambivalentes, são confirmadas. Na velhice, os comportamentos de apego podem ser dirigidos às pessoas mais jovens (Bowlby, 1984/2002).

Segundo Sroufe e Flession (1986), a frequência de comportamentos de apego particulares pode não ser constante ao longo do tempo, porém a qualidade do relacionamento mostra coerência e estabilidade temporal em diversos contextos. Há estabilidade do estilo de apego de acordo com vários autores (Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Kaplan et al., 2002; Palacios & Álvarez, 2006; Sroufe & Flession, 1986), entretanto alguns fenômenos que podem influenciar a mudança dos modelos de funcionamento interno são a relação marital, o contexto social, o acesso a recursos, a incidência de patologias mentais, o divórcio e as separações temporárias em momentos críticos.

Pode definir-se apego adulto, portanto, como a necessidade de contar com um outro significativo (figura de apego) diante de situações de medo e estresse, utilizando os modelos de funcionamento interno estabelecidos na infância (Smith & Ng, 2009).

A partir desta fundamentação, é possível afirmar que variados fenômenos do desenvolvimento estão em interação. Especificamente quanto à relação entre evento estressor e estilo de apego, ainda há um campo de pesquisa a ser desenvolvido, do qual este estudo faz parte. São várias as dúvidas que ainda existem, como quais eventos estressores são importantes para o desenvolvimento, e se os eventos devem ser trabalhados isoladamente ou em grupos temáticos. O papel da parentalidade e o da pobreza, em interação com os eventos

estressores ainda precisa ser estudado, especialmente após entender que o estilo de apego possui uma forte interação com o ambiente.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Como foi discutido no fim da seção anterior, esta pesquisa faz parte de um campo maior de estudos sobre apego e eventos estressores. Para contextualizá-lo, a presente revisão de literatura foi necessária.

3.1 Apego infantil, desenvolvimento e apego adulto

Alguns pesquisadores tentaram entender a relação entre apego e desenvolvimento através de pesquisas longitudinais, como a de Oppenheim, Sagi e Lamb (1988), com uma amostra de crianças israelenses e imigrantes residentes em Israel. A pesquisa utilizou a Experiência Situação Estranha (Ainsworth, 1978), um teste de interação de pares, um teste de percepção dos pais, uma avaliação de QI, um teste de empatia, e um teste de controle, em crianças israelenses. As mães de criação (*metapelet*) (Oppenheim, Sagi & Lamb, 1988, p.427) também foram pesquisadas, ao invés das mães e pais biológicos, por serem as figuras de apego nesse contexto.

Os autores encontraram associação entre comportamentos na Situação Estranha e desenvolvimento sócio-emocional posterior. As crianças com apego seguro na primeira etapa da pesquisa demonstraram, quatro anos depois, mais empatia, dominância, independência, orientação pela realização e ego intencionado, ao contrário das crianças com apego inseguro e resistente (Oppenheim, Sagi & Lamb, 1988).

Jacobsen, Edelstein e Hofmann (1994) também estudaram os efeitos do apego no desenvolvimento. Eles utilizaram uma amostra islandesa para entender a relação entre representações do apego na infância e desenvolvimento cognitivo na infância e na

adolescência. Foi empregada uma bateria de testes piagetianos, para avaliar o desenvolvimento cognitivo; um instrumento de medida da habilidade de tomada de perspectiva da criança, para acessar as representações de apego; entrevistas para a avaliação de auto-confiança, através do comportamento; um teste de inteligência não verbal, utilizando estímulos visuais; e medidas de problemas de atenção, utilizando três questionários.

A partir da aplicação destes instrumentos, os autores perceberam que crianças com representações de apego seguro são favorecidas em seu processo cognitivo no final da infância e na adolescência, tiram melhores notas, além de terem maior auto-confiança. Também foi encontrado que a representação do tipo de apego atenua a influência do QI e problemas de atenção na cognição. As crianças com representação de apego inseguro e evitativo tiveram maior dificuldade em tarefas de lógica. A explicação para este resultado seria a dificuldade em confiar nas sentenças que eram lidas por uma pessoa, devido ao seu estilo de apego. Além disto, aos 17 anos, elas evoluíram pouco em comparação com o desempenho cognitivo aos nove (Jacobsen et al., 1994).

Jacobsen e Hofmann (1997) posteriormente estudaram em uma pesquisa longitudinal a relação entre estilo de apego de crianças e adolescentes islandeses, e competências acadêmicas. Eles utilizaram uma avaliação de representações de apego, um teste de inteligência, um questionário sobre o comportamento e competência da criança, respondido por professores, e uma medida de sucesso escolar. Os resultados apontaram que as representações de apego predizem competência durante o meio da infância e adolescência. Crianças com representação de apego seguro tiveram maior desempenho nas áreas de atenção-participação, *self* seguro e notas escolares.

Há estabilidade entre o estilo de apego infantil e o estilo de apego adulto (Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Kaplan et al., 2002; Palacios & Álvarez, 2006; Sroufe & Flession, 1986). Nessa direção, Crowell et al. (2002) pesquisaram uma amostra de casais americanos e

hispanicos, utilizando uma experiência de resolução de problemas e uma escala para classificação de apego. Os adultos foram filmados durante uma interação para solução de problemas e também foram avaliados quanto ao estilo de apego.

Eles encontraram que adultos com estilo de apego seguro apresentaram as mesmas categorias de comportamentos que usariam na infância com suas figuras de apego, em interações de resolução de problemas com esposas e maridos, figuras de apego atuais. Esse resultado corrobora a análise do fenômeno de apego proposto por Ainsworth (1978) e dá uma previsão convincente do comportamento de apego em adultos (Crowell et al, 2002).

É possível notar que o desenvolvimento influencia e é influenciado pelo estilo de apego, o que sustenta o impacto dos eventos estressores do apego adulto. Diante da discussão sobre estabilidade do apego, entretanto, precauções devem ser tomadas sobre quais eventos estressores podem influenciar o apego.

3.2 Pobreza, desenvolvimento, eventos estressores e estilo de apego

A pobreza poderia ser um evento estressor relacionado com problemas no desenvolvimento (Cecconello & Koller, 2000; Halpern, 1990). Cecconello e Koller (2000) estudaram cem crianças brasileiras de Porto Alegre, utilizando uma entrevista com dados sócio-demográficos da criança e da família, um teste para avaliação de competências sociais e uma escala de empatia. Eles encontraram que as crianças em situação de pobreza não apresentaram índices de competência social e empatia diferentes dos das crianças de classe média encontrados na literatura. Entretanto, as médias de iniciativa para resolução de problemas foram menores na amostra da pesquisa, o que revela as influências da situação de pobreza. As crianças do sexo feminino foram aquelas que tiveram maiores escores de

competência social e em empatia, em comparação àquelas do sexo masculino, revelando que o sexo pode ser um fator de proteção, o que também é encontrado em outras pesquisas, de acordo com as autoras.

Neste campo de estudos, Ackerman, Brown, D'Eramo e Izard (2002) utilizaram uma amostra de mães, cuidadoras e crianças norte-americanas em uma pesquisa longitudinal sobre competências verbais e acadêmicas e problemas de comportamento. Foi utilizada uma entrevista demográfica, índices de ajustamento parental, um questionário de experiências de vida, uma escala de parentalidade rigorosa, um teste de habilidade verbal infantil, um formulário de comportamento externalizado e internalizado respondido pelos professores e uma escala de comportamento acadêmico.

Durante o período da pesquisa, 66% das famílias sofreram uma ou mais de uma dissolução de relacionamentos. Um dos resultados mais importantes foi o de que instabilidade crônica em relacionamentos maternos, em famílias pobres, previu problemas de comportamento em crianças, mas não de competência acadêmica. Houve diferença estatisticamente significativa entre as crianças que se ajustavam bem às famílias altamente instáveis quanto à habilidade verbal, mal-ajustamento parental recente e parentalidade rigorosa, e as outras crianças (Ackerman et al, 2002).

Linver, Brooks-Gunn e Kohen (2002) também realizaram um estudo longitudinal com uma amostra de famílias norte-americanas, de forma a entender a relação entre renda e desenvolvimento. Eles utilizaram medidas do desenvolvimento infantil, características basais da criança, um teste de habilidade de receptividade verbal materna, dados sobre a renda/pobreza familiar, um questionário de estresse emocional materno, uma observação de práticas parentais maternas e uma entrevista sobre o ambiente de estimulação cognitivo da moradia.

Os autores encontraram que há relação entre renda e desenvolvimento da criança e que ela é mediada pelo ambiente familiar e por características da mãe. Alta renda foi associada a um ambiente cognitivamente estimulante, menos estresse emocional materno e mais práticas parentais positivas, o que foi associado com maiores escores nos testes e menos problemas comportamentais (Linver, Brooks-Gunn & Kohen, 2002).

Esse resultado foi explicado a partir de dois modelos: modelo do investimento e modelo do estresse. O primeiro diz respeito à estimulação cognitiva por um ambiente, através de recursos; mães com menor condição econômica teriam um menor acesso a recursos que poderiam prover um ambiente mais estimulante. Este modelo intermediou a relação entre renda familiar e desenvolvimento cognitivo e problemas de comportamento infantil. O segundo diz respeito a comportamentos parentais e estresse emocional materno; mães com menor renda podem experimentar mais estresse, o que pode levar a maior estresse emocional e práticas parentais pobres, o que por sua vez pode contribuir para os problemas de comportamento. Este modelo intermediaria a relação entre renda familiar e problemas de comportamento infantil (Linver et al., 2002).

O estudo mais atual de Leung et al. (2009), com uma amostra de famílias japonesas, estudou a influência da pobreza na adolescência, especificamente quanto à depressão. Eles utilizaram um questionário de saúde geral aplicada à mãe, uma escala de sintomas depressivos aplicada aos adolescentes e questões sobre a percepção dos adolescentes sobre os relacionamentos na família. De acordo com os resultados, maternagem negativa foi associada ao aumento de sintomas depressivos em adolescentes em famílias com bons relacionamentos, mas não em famílias de relacionamentos pobres, nas quais os sintomas foram altos de maneira uniforme.

Quanto à relação entre pobreza e apego adulto, não foram encontrados estudos específicos. Apesar de a pobreza ser considerada um estressor importante para entender o

desenvolvimento, os pesquisadores também estudam outras situações que se constituem como eventos estressores. Segundo Cupertino et al. (2006), há indivíduos que crescem e se desenvolvem em contextos e situações que repercutem na saúde psicológica. Há muitos estudos epidemiológicos que buscam a compreensão da relação entre fatores do ambiente social e a origem e o curso de distúrbios psiquiátricos. Eles focam nos “eventos de vida produtores de estresse” (*stressful life events*) (Lopes et al., 2003, p.1714), fatores de risco para transtornos mentais não-psicóticos.

Um estudo nesta área é o de Adam e Chase-Lansdale (2002), com garotas norte-americanas, sobre problemas de ajustamento na adolescência e vivência familiar. Foi utilizado um questionário demográfico, um questionário de variáveis de eventos disruptivos, um sumário da percepção do adolescente sobre o relacionamento dos pais e vizinhança, um questionário de sucesso escolar, problemas de comportamento e comportamento sexual.

Os autores perceberam que houve uma correlação forte entre problemas de ajustamento das adolescentes e uma história familiar instável e disruptiva. Ao se mudar, a adolescente perdia relacionamentos, atividades e rotinas; quanto a separar-se dos pais, foi mais comum do pai, mas a separação da mãe foi mais disruptiva nesta amostra de meninas. Estes resultados foram encontrados mesmo após controlar as características demográficas dos adolescentes e foram mais significativos do que o efeito da percepção da adolescente sobre qualidade do seu relacionamento com seus pais, com suas redes de pares e com a vizinhança (Adam & Chase-Lansdale, 2002).

Buscando entender quais estressores deveriam ser estudados para entender os transtornos mentais, Lopes et al. (2003) pesquisaram uma amostra de funcionários públicos brasileiros residentes no Rio de Janeiro, utilizando um instrumento com perguntas sobre dados demográficos, hábitos de saúde, eventos de vida produtores de estresse e transtornos mentais comuns. Os autores encontraram que os seguintes eventos estressores se associaram

significativamente com a ocorrência de transtornos mentais comuns: episódio grave de doença; internação hospitalar; separação/divórcio; mudança forçada de moradia; problemas financeiros mais graves que os habituais; agressão física; e assalto ou roubo com violência.

O estudo de Kristensen et al. (2004) utilizou o Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA) em 330 adolescentes brasileiros, de forma a investigar a frequência e o impacto de eventos de vida estressores. A frequência média dos eventos na amostra foi de 17,03 eventos. Os eventos mais encontrados foram: provas do colégio (84%), discussão com amigos (79%), morte de familiares, que não pais e irmãos (73%), cumprir ordens dos pais (71%) e brigas com irmãos (66%). E os mais impactantes: sofrer algum tipo de violência sexual, ser impedido de ver os pais e ser levado para a FEBEM (atual CASA) ou instituição de abrigo, apesar de não terem sido frequentes (menos de 8,5%).

De forma geral, meninas tiveram maior impacto dos eventos de vida estressores do que meninos. Elas tiveram uma maior frequência de eventos estressores específicos, no caso, aqueles conectados a relacionamentos interpessoais; e os meninos, aqueles relacionados a problemas com professores e com a polícia, suspensão da sala de aula, entre outros. Quanto mais velho era o sujeito (sendo a idade máxima 17 anos), maior foi a frequência de eventos estressores. Apesar disso, o impacto diminuiu com a idade, o que pode ser explicado pelo desenvolvimento de estratégias de *coping* (Kristensen et al., 2004).

Os autores encontraram uma tendência, entre os participantes que experienciaram mais eventos, em atribuir um maior impacto aos eventos experienciados. Dessa forma, a frequência contribuiu para 18,3% na variabilidade do impacto. Especificamente os eventos estressores familiares tiveram importância tanto para o impacto, quanto para a frequência. De acordo com os autores, isto é esperado, pois a família pode ser tanto protetora quanto estressora (Kristensen et al., 2004).

Cupertino et al. (2006), estudando outra faixa etária, a de idosos brasileiros, utilizaram uma escala de sintomas depressivos, uma escala de variáveis de estresse e suporte social na infância e adolescência e perguntas sobre a infância, de forma a encontrar eventos estressores importantes. Os resultados mostraram que ter uma rede social não foi um fator de proteção contra a depressão na velhice. Entretanto, quanto maior foi a nota atribuída à infância e adolescência, menores foram os escores de sintomas depressivos destes idosos; e idosos com mais vivências estressantes na infância e adolescência apresentaram mais sintomas depressivos na velhice. Como estressores mais comuns foram encontrados: problemas financeiros (56%), perda de alguma pessoa próxima (47%), mudança de residência (46%) e ter perdido um dos pais durante o período (29%) (Cupertino et al, 2006).

Loureiro e Sanches (2006) também realizaram uma pesquisa no estado de São Paulo com foco em eventos de vida estressores. Foram utilizados em 36 crianças um teste de desempenho acadêmico, uma escala de comportamento infantil e uma entrevista semi-estruturada sobre eventos de vida positivos e negativos. As crianças foram divididas em dois grupos: com ou sem problemas comportamentais. Os resultados mostraram que a frequência de eventos positivos foi semelhante à frequência de eventos negativos. A frequência de eventos familiares positivos foi alta. Quanto aos negativos, foram mais relatados adoecimento na família e perder um ente querido, especialmente avós e bisavós.

Entretanto, o achado mais importante desta pesquisa foi o de que crianças com dificuldades comportamentais experienciaram diferencialmente os eventos de vida. Isso ocorreu quanto às brincadeiras, ao tempo com a família, a perdas de parentes e perda de animais. Outro achado importante é o de que as pessoas avaliam um evento de acordo com seu momento do desenvolvimento, pois é possível reavaliar um evento ocorrido no passado à luz de novas informações. O convívio familiar mostrou-se importante para os dois grupos, tanto quanto aos eventos negativos, como quanto aos eventos positivos (Loureiro & Sanches,

2006).

Um estudo mais recente com esta temática foi o de Poletto et al. (2009), que investigaram especificamente eventos estressores através de um questionário bio-sócio-demográfico e um Inventário de Eventos Estressores na Infância/Adolescência, em uma amostra de 297 crianças/adolescentes em situação de vulnerabilidade social em Porto Alegre, divididas em institucionalizadas e não institucionalizadas.

Cada criança da amostra dessa pesquisa vivenciou, em média, pelo menos um terço dos 60 eventos estressores listados, mas a frequência e o impacto desses variaram segundo os participantes. Os eventos estressores mais frequentes foram: cumprir ordens dos pais (85,2%), discussão com os amigos (72,9%), morte de familiares (71,8%), reprovação escolar (69,2%), briga com irmãos (68%) e mudar de casa ou de cidade (65,8%) (Poletto et al., 2009).

Poletto et al (2009) encontraram que crianças/adolescentes institucionalizados tiveram médias mais altas de eventos estressores do que crianças/adolescentes que viviam com suas famílias e o mesmo ocorreu quando os tipos de estressores foram separados em familiares, escolares e pessoais. Não houve diferença estatisticamente significativa de gênero em relação à média de eventos estressores; entretanto, os meninos tiveram média mais alta de estressores escolares e aqueles relacionados à violência e sofrer acidentes; e as meninas, maior média de estressores familiares, como morte, doença e alcoolismo.

Os eventos que tiveram maior impacto foram: morte dos pais, estupro, rejeição de familiares, morte de amigos, sofrer violência e ser tocado sexualmente contra a vontade. De forma geral, o impacto foi maior para as crianças/adolescentes que moravam com suas famílias, apesar desse ser um resultado não esperado. Outros estressores foram impactantes nos dois grupos: não conhecer os pais, ter dormido na rua, ter tido uma crise nervosa, sofrer humilhação, sofrer agressão, ter familiar que bebe muito, ser rejeitado, ser assaltado, ser

xingado, separar-se dos pais, ser expulso da escola e sofrer acidente. O impacto foi maior para as meninas do que para os meninos na maioria dos eventos (Poletto et al., 2009).

Especificamente quanto ao impacto dos eventos estressores no apego adulto, Lopez, Melendez e Rice (2000) estudaram as contribuições individuais e interativas do status marital dos pais e a etnia do participante, de forma a predizer o vínculo infantil entre pais e filho, e orientação do apego atual. Eles utilizaram um questionário demográfico; o *Parental Bonding Instrument* (Parker et al., 1979) e um questionário de apego adulto.

Eles encontraram que há relação entre apego adulto e status marital dos pais, e estilo de apego adulto e etnia. O divórcio também influenciou a forma como os adultos se lembraram de sua família (menos amorosa e coesa). Eles também lembraram suas mães como pouco controladoras. Quanto ao apego, nas famílias intactas o vínculo infantil explicou 11% da variação nos escores de evitação e 6% dos escores de ansiedade. Nas famílias divorciadas, o vínculo explicou 7% da variação dos escores de evitação e 15% dos escores de ansiedade. Os autores ressaltam que o divórcio por si só não resultaria em um estilo de apego inseguro e evitativo ou resistente nas suas relações de pares, mas faria parte de um contexto maior (Lopez, Melendez & Rice, 2000).

Outro estudo com foco no apego é o de Mickelson, Kessler e Shaver (1997), que estudaram uma amostra americana representativa, utilizando uma entrevista para diagnóstico e acesso a fatores de risco para desordens psiquiátricas, uma medida de estilo de apego, um questionário de dados sócio-demográficos, um questionário de adversidades na infância, uma escala de estilo parental, o Instrumento de Vínculo Parental (*Parental Bonding Instrument*) (Parker et al., 1979) e medidas de personalidade.

Eles encontraram uma associação forte entre adversidades na infância e estilo de apego adulto inseguro, com influência da parentalidade severa. Abuso físico e negligência

severa tiveram uma associação mais forte com o apego, do que afeto e consistência parental. Também foi encontrada uma maior possibilidade de ter apego seguro caso a pessoa fosse: branca, mulher, com alto nível de educação, casada, de classe média, de meia-idade e do centro-oeste, sendo que os autores questionam a direção da associação (Mickelson et al., 1997).

Os autores também perceberam que ter uma experiência de trauma não seria suficiente para influenciar o estilo de apego, mas que o tipo do trauma importaria. Traumas interpessoais, abuso de substância por um dos pais, divórcio e adversidade financeira se associaram mais com o estilo de apego inseguro evitativo, e psicopatologias parentais com estilos de apego inseguros em geral (Mickelson et al., 1997).

Alexander (2009) estudou norte-americanos e latinos para entender a relação entre adversidades, violência em relacionamento amoroso atual e estilo de apego adulto. Para isto, ela utilizou um questionário de violência no relacionamento, um questionário do histórico de trauma na infância e vida adulta, uma entrevista de estilo de apego adulto e uma escala de experiências dissociativas. Mais da metade (56%) de sua amostra (93 mulheres) relataram violência sofrida por um parceiro amoroso, sendo que a experiência de violência no relacionamento atual não foi relacionada com experiências múltiplas de violência durante a história de vida. Essas também não se associaram às variáveis sócio-demográficas estudadas.

Várias formas de traumas interpessoais na infância apareceram como fator de risco para vitimização na vida adulta, entre eles abuso físico, sexual, testemunho de violência entre os pais e abuso de álcool materno. Além disto, nove entre 10 mulheres com apego inseguro relataram histórias de múltiplo abuso do parceiro romântico (Alexander, 2009). Entretanto, alguns eventos estressores, e não outros, podem estar relacionados ao estilo de apego. Divórcio dos pais, longa separação, trauma interpessoal, psicopatologia dos pais, a qualidade do relacionamento parental e problemas financeiros, por exemplo, estiveram associados no

estudo de Hinnen et al. (2009), que será discutido posteriormente, com o estilo de apego inseguro; enquanto morte dos pais, por exemplo, não.

A parentalidade severa, como foi discutida anteriormente, também é um possível estressor que pode ser relacionada ao apego adulto. É possível perceber que há uma variedade de eventos estressores que se relacionam com o estilo de apego. Os eventos estressores familiares, por outro lado, mostraram-se importantes em várias pesquisas e se associam intimamente com a parentalidade.

Pettit et al. (1997) já vinham estudando como o suporte parental poderia compensar riscos associados a adversidades familiares em uma amostra norte-americana de famílias. Eles utilizaram entrevistas e questionários com os pais sobre suporte parental; entrevistas sobre parentalidade severa; um índice de adversidade familiar e uma lista de ajustamento infantil. As seguintes adversidades familiares foram pesquisadas: nível sócio-econômico (*Socioeconomic Status* – SES) baixo, ser criado com apenas um pai e estresse familiar. Entre os estressores familiares estariam: morte, mudança de moradia e problemas legais. Eles mediram desempenho acadêmico, problemas de externalização e habilidades sociais no começo da vida escolar e na sexta série, utilizando afetividade, discussão calma, envolvimento e discussão pró-ativa como fatores do suporte parental.

Os autores encontraram que diferentes tipos de parentalidade resultaram em diferentes tipos de desenvolvimento, especificamente quanto ao papel do suporte parental na socialização. Problemas de externalização foram preditos por baixos níveis de discussão calma e ensino pró-ativo, enquanto habilidades sociais foram preditas por altos níveis de discussão calma e baixos níveis de disciplina áspera. Alto estresse familiar foi associado com menor envolvimento, menor discussão calma e mais disciplina árdua; e ser criado com apenas um pai foi associado com menores níveis de afetividade, envolvimento e discussão calma (Pettit et al., 1997).

Além desses resultados relacionados à socialização, os autores encontraram correlações significativas entre baixo SES, ser criado com apenas um pai e mais estresse familiar. Entretanto, a presença de suporte parental compensou o efeito do SES e de ser criado com apenas um pai no desenvolvimento posterior. Especificamente no caso das meninas, a afetividade pode não ser suficiente para moderar os efeitos de ser criado apenas pela mãe (Pettit et al., 1997). É necessário enfatizar, entretanto, que estes dados podem ter generalidade limitada, devido à diferença de definição de pobreza e do *status* da mãe solteira em cada cultura.

Tentando entender a ligação entre parentalidade e desenvolvimento infantil, Schreiber e Lyddon (1998) realizaram uma pesquisa com uma amostra de norte-americanos e imigrantes hispânicos, utilizando o *Parental Bonding Instrument* (Parker et al., 1979), uma lista de verificação de sintomas e um questionário de abuso sexual. Eles encontraram que mulheres que tiveram alto cuidado parental não consideravam todos os homens não confiáveis, apesar de terem sido abusadas sexualmente na infância. Seu funcionamento psicológico também foi melhor do que as que não tiveram alto cuidado parental e eram mais propensas a ter uma percepção do seu *self* como merecedor de amor e proteção. Apesar de a parentalidade sensível ter se mostrado um fator de proteção, as mulheres que sofreram abuso sexual na infância tinham um funcionamento psicológico significativamente pobre em comparação com as mulheres que não sofreram este tipo de abuso.

Relações entre mãe e filho também foram estudadas por Cyr e Moss (2001), em uma pesquisa longitudinal com crianças e mães canadenses, utilizando tarefas de colaborações estruturadas, observação de interações gravadas da díade, um questionário de depressão e uma situação de separação-reunião. Os resultados mostraram que parcerias recíprocas mãe-filho na ausência de sintoma depressivo resultaram em segurança do apego dois anos depois. Além disto, foi percebido que reciprocidade materna falha na presença de sintomas de depressão

materna esteve associada tanto com apego inseguro e desorganizado, quanto com apego ambivalente.

Nesta direção, o Instituto Nacional da Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano (NICHD, 2006) realizou uma pesquisa longitudinal em conjunto com outros pesquisadores da área do desenvolvimento infantil em diversas cidades dos Estados Unidos. Para entender como experiências desenvolvimentais específicas se associam com o estilo de apego, eles utilizaram a Experiência de Situação Estranha de Ainsworth (1978); observações do comportamento materno em interação com a criança; entrevistas sobre a qualidade da parentalidade; medidas de competência social relatadas pelas mães/cuidadoras e professores; entrevistas sobre dados demográficos; uma escala de depressão materna e uma escala de cuidados e crenças na criação de crianças.

Eles encontraram que a classificação inicial de apego foi um preditor do desenvolvimento da criança em seis medidas de competência social relatadas pelas mães/cuidadoras e professores: a avaliação das competências sociais relatadas pelas mães/cuidadoras e a avaliação dos comportamentos de externalização (delinquência e agressão) e internalização (retraimento, queixas somáticas, ansiedade e depressão) relatados pelos professores (NICHD, 2006).

Entretanto, quando a qualidade da parentalidade era incluída na análise, o efeito do estilo de apego diminuía. Em cinco das seis medidas de desenvolvimento infantil, as médias da qualidade parental tiveram uma correlação significativa com o desenvolvimento, ao invés das médias do estilo de apego; o que demonstrou que há um modelo de mediação dos efeitos do apego inicial no desenvolvimento (NICHD, 2006).

Mudanças na qualidade da parentalidade também influenciaram três das seis medidas de desenvolvimento. Quando a qualidade da parentalidade diminuía com o tempo, as crianças

tiveram um menor escore de habilidades sociais segundo seus professores e um maior escore em comportamentos de externalização segundo seus professores e suas mães/cuidadoras. O estilo de apego moderou as associações entre qualidade parental e três de seis medidas de dimensão de desenvolvimento: problemas de internalização e externalização relatados pelas mães/cuidadoras e problemas de externalização relatados pelos professores (NICHD, 2006).

Também foi encontrado que crianças com apegos distintos responderam diferencialmente a mudanças na qualidade parental. Quando a qualidade da parentalidade aumentou, as crianças com apego inseguro tiveram menos problemas de externalização, em comparação com as crianças cuja qualidade da parentalidade foi mantida ou diminuiu com o tempo. Por outro lado, o declínio da qualidade parental em crianças com apego seguro não foi associado com o aumento de problemas de externalização, como aconteceu com as de apego inseguro (NICHD, 2006).

Além da interação entre pais e crianças, a influência do contexto e das práticas parentais na interação entre pais e adolescentes também tem sido estudada, como na pesquisa longitudinal de Dinero, Conger, Shaver, Widaman e Larsen-Rife (2008) com uma amostra americana. Foram utilizadas interações gravadas entre pais e filhos adolescentes, entrevistas dos filhos acompanhados do parceiro romântico ou um amigo próximo (quando não possuía parceiro) e uma escala de relacionamento amoroso.

Os resultados apontaram que interações positivas entre pais e adolescentes aos 15 e 16 anos predisseram apego seguro aos 25 anos e que, aos 27 anos de idade, as interações tiveram uma contribuição indireta através de um relacionamento amoroso e apego seguro na idade de 25 anos. Relacionamentos amorosos nesta idade contribuíram para o apego seguro aos 27. Isto foi interpretado como significando que tanto a família de origem, quanto os relacionamentos amorosos no início da vida adulta afetam as representações de relacionamento.

Quanto às hipóteses sobre as causas do apego, Hinnen et al. (2009) realizaram um estudo com adultos holandeses sobre sua história de relacionamento com os pais e utilizaram uma escala de dados familiares, uma escala de criação parental, uma lista de experiências adversas na infância, um questionário para a classificação do apego e questões sobre satisfação na vida. Eles encontraram em seu estudo que pessoas com apego inseguro relataram rejeição parental, menor suporte parental, menor afetividade e harmonia familiar e mais eventos adversos durante a infância. As pessoas com apego seguro reportaram pais mais responsivos e sensíveis, enquanto os pais dos adultos com apego ambivalente foram recordados como críticos rejeitadores e menos afetivos. Quanto aos evitativos, os pais foram lembrados como ausentes e não-responsivos.

Uma especificidade da parentalidade é o estilo parental, como foi discutido anteriormente. Sobre este assunto específico uma pesquisa com foco no desenvolvimento e no estilo de apego foi a de Manassis, Owens, Adam, West e Sheldon-Keller (1999). Eles realizaram uma pesquisa com 130 adolescentes canadenses para investigar se o Instrumento de Vínculo Parental (*Parental Bonding Instrument - PBI*) poderia prover informações sobre o estilo de apego.

Eles usaram uma entrevista de apego adulto e o PBI, encontrando que as informações dos dois instrumentos são congruentes quando o adulto tem um histórico mental ótimo, mas não naqueles que mostram raiva ou idealização de suas mães. Os participantes com apego seguro/autônomo relataram ter tido mães muito cuidadosas e pouco controladoras. Aqueles que tinham apego inseguro/não resolvido, entretanto, tiveram escores mais baixos no PBI (mães pouco cuidadoras e muito controladoras).

Esta interação entre apego e estilo parental, assim como as interações encontradas entre parentalidade severa, outros tipos de eventos estressores e apego encontradas na literatura justificam o objetivo geral desta pesquisa, identificar eventos estressores na infância

e explorar sua relação com o apego adulto.

Há muitas lacunas na literatura, como a inconsistência de quais eventos estressores deveriam ser estudados, se pobreza poderia ser considerada um evento estressor relacionado ao apego adulto, se o apego adulto sofre influência de variáveis não diretamente relacionadas à relação indivíduo e figura de apego. Estas lacunas, somadas às predições das teorias utilizadas e anteriormente discutidas guiaram esta pesquisa.

4. MÉTODO

O presente estudo se caracterizou como do tipo descritivo correlacional, uma vez que os eventos em questão se desenvolveram em períodos longos de tempo, não havendo possibilidade de realização de experimentos, por óbvios motivos éticos.

Houve também um caráter exploratório na pesquisa, por causa da preocupação em aprofundar o estudo das variáveis do evento estressor, sondando as possibilidades de uma conceituação mais refinada e baseada em dados empíricos. Piovisan e Temporini (1995) descrevem a pesquisa exploratória como um estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar um instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer.

4.1 Participantes

A pesquisa foi realizada com 150 mulheres, entre 20 e 45 anos, que possuíam o ensino médio completo. Como a pesquisa na qual esta se baseia (Lordelo, 2009), esta também teve um interesse especial por mulheres, dada a relevância desta população, por exemplo, para a criação de filhos, criação e manutenção dos vínculos sociais, entre outros. Além disso, Belsky e outros (2007) sustentam que o estresse familiar é um preditor mais importante de problemas no desenvolvimento em meninas do que em meninos.

Decidiu-se trabalhar apenas com voluntárias, em vista das dificuldades de execução de uma amostragem aleatória. Levando em conta os objetivos da pesquisa, voltada para a descrição de processos, independentemente da representatividade do fenômeno em uma população, a amostra de conveniência foi considerada satisfatória.

A restrição de idade se deveu ao fato de que a escala de apego adulto utilizada privilegia situações de relacionamentos amorosos mais frequentes nesta faixa etária. Como o questionário era auto-respondido, a amostra incluiu apenas mulheres com nível médio e superior de instrução, visando a reduzir a variabilidade da amostra.

As participantes foram entrevistadas principalmente em Salvador, Bahia, e uma parcela menor em Belém, Pará. Considerando que as populações destes dois estados possuem poucas diferenças sócio-demográficas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2001, 2009), os dados foram reunidos e tratados em conjunto.

4.2 Instrumentos

4.2.1 Questionário sociodemográfico e de eventos estressores

A base deste questionário foi o instrumento utilizado pela pesquisa “Investimento e cuidados parentais” (Lordelo, 2009). O questionário (Anexo A) foi composto de duas partes, sendo que a primeira investigou dados sociodemográficos, com informações sobre idade, escolaridade, renda, caracterização da residência, composição familiar etc.

A segunda parte do questionário conteve perguntas sobre eventos estressores durante a infância (até os 11 anos de idade), com informações sobre as condições de vida da informante, incluindo número de irmãos, responsáveis pela criação, relacionamento entre os pais e entre estes e a respondente, condições materiais durante a infância, eventos e experiências críticas como morte e separação dos pais, entre outros. Algumas das perguntas sobre eventos estressores foram acompanhadas por perguntas sobre a percepção sobre eles, isto é, se os eventos que as participantes tinham experienciado haviam sido “penosos” ou não. Embora os

dois tipos de questões sejam igualmente em forma de relatos, algumas são menos sujeitas às distorções de memória que acompanham os temas de grande impacto emocional.

Esta segunda parte do instrumento abarcou perguntas sobre três grandes temas: estresse material, psicológico e familiar (Quadro 1). Os eventos estressores materiais foram aqueles que envolviam a falta de recursos, como saneamento e assistência médica; os eventos estressores psicológicos, aqueles ligados a situações estressoras independentes da classe econômica, como morte dos pais, adoecimento grave, ser assaltado, entre outros. E os eventos estressores familiares, apesar de também serem psicológicos, diziam respeito a situações estressoras específicas do contexto familiar.

A partir do questionário também foi obtido o Índice de Hollingshead (*Hollingshead Four-Factor Index of Social Status*) (Hollingshead, 1975), um escore de *status* socioeconômico da família, utilizando dados sobre escolaridade e ocupação dos pais da respondente. De acordo com Ribas Jr. et al. (2003), este índice é uma das mais relevantes escalas utilizadas atualmente e trata o *status* socioeconômico como um construto multidisciplinar. Além disto, é utilizado largamente em pesquisas em psicologia. Apesar de não ser uma medida validada no Brasil, os autores indicam o seu uso na pesquisa em psicologia.

Variável	Dimensões	Indicadores
	Materiais	Pai ficou desempregado
		Mãe ficou desempregada
		Teve insuficiência de alimentos
		Não possuía casa própria
		Sem energia elétrica
		Sem água encanada
		Sem rede coletora de esgoto
		Rua sem pavimentação
		Não tinha acesso ao dentista
		Não tinha acesso à assistência médica
		Não tinha acesso a medicamentos
Eventos estressores	Psicológicos	Mudou de cidade
		Pais se separaram
		Convivência com padrasto
		Convivência com madrasta
		Pai morreu
		Mãe morreu
		Teve doença grave
		Familiar teve doença grave
		Teve doença crônica
		Familiar teve doença crônica
		Foi hospitalizada
		Familiar foi hospitalizado
		Conviveu com doentes mentais
		Conviveu com alcoolistas
		Conviveu com usuário de drogas
		Foi assaltada
		Familiar foi assaltado
		Casa foi assaltada
		Familiar foi preso
		Havia problemas de criminalidade na vizinhança
		Presenciou cena de tiroteio
		Viu uma pessoa morta violentamente
	Familiares	Clima familiar negativo
		Relacionamento negativo entre os pais
		Conflitos entre os pais
		Conflitos com o pai
		Conflitos com a mãe
		Atitude negativa do pai
		Atitude negativa da mãe
Índice de Hollingshead		Escolaridade materna
		Escolaridade paterna
		Ocupação materna
		Ocupação paterna

Quadro 1. Lista de variáveis de Eventos estressores materiais, psicológicos e familiares, e do Índice de Hollingshead

4.2.2 Escala de estilo parental

Esta escala foi utilizada de forma complementar ao Questionário sócio-demográfico e de eventos estressores. O Instrumento de Vínculo Parental (Anexo B) é uma tradução do *Parental Bonding Instrument* (Parker, 1992), por Hauck et al. (2006). É um instrumento auto-aplicável, com escala do tipo *Likert*, em que o sujeito deve responder o quanto parecido um comportamento é com o comportamento dos seus pais até os seus 16 anos. São vinte e cinco itens, sendo doze relativos a afeto ou cuidado e treze, a controle ou proteção.

É possível aplicar a escala em relação a pais biológicos ou outras figuras parentais, sendo que as perguntas são respondidas duas vezes, uma para a figura materna e outra para a figura paterna. Isto é justificado, de acordo com Sroufe e Flesson (1986), pelo fato de a qualidade do apego poder diferir de uma figura de apego para outra. Kristensen et al. (2004) também sugerem que as diferenças entre o relacionamento da criança/adolescente sejam estudadas diferencialmente quanto ao pai e quanto à mãe.

O Instrumento de Vínculo Parental não é validado para a população brasileira, entretanto, Hauck et al. (2006) realizaram um trabalho de equivalência funcional, com adaptação quanto aos aspectos de equivalência conceitual, equivalência de itens e equivalência semântica. Algumas das pesquisas que utilizaram esta escala e estão relacionadas ao tema trabalhado são as de Lopez et al. (2000), Mickelson et al. (1997) e de Schreiber e Lyddon (1998).

Um estudo brasileiro que realizou uma análise confirmatória de fator foi o de Terra et al. (2009). Estes autores concordam que o PBI é uma das medidas mais confiáveis para averiguar o estilo parental, por sua estabilidade diante do tempo, do humor, e das vivências.

Entretanto, eles sugeriram a utilização de três fatores (cuidado, proteção/controle, autoritarismo) ao invés de dois (cuidado e proteção/controle), ou que pelo menos sejam excluídas algumas perguntas. Apesar disso, nesta pesquisa foi escolhido trabalhar apenas com os fatores cuidado e controle.

Trabalhar escalas é saber que elas medem apenas estados conscientes e superficiais, perdem confiabilidade por serem auto-respondentes, necessitam de grandes amostras, entre outros. Entretanto, este uso se justifica diante da prevenção da perda de informação, da maior flexibilidade em estudos de correlação e de regressão múltipla e de pontuações confiáveis e simples (Martínez & Santalices, 2005).

4.2.3 Escala de estilo de relacionamento

A Escala de Estilo de Relacionamento (Anexo C) é uma tradução da *Collins and Read Adult Scale* (Collins & Read, 1990), por Bussab e Otta (2005). Ela é composta de dezoito itens, que procuram avaliar o tipo de vinculação que o indivíduo estabelece com outros parceiros na vida adulta, pedindo para avaliar o grau de semelhança entre o que a pessoa costuma sentir e cada uma das afirmações que lhe são apresentadas. Para quantificar o tipo de vinculação predominante, é utilizada uma escala de cinco pontos, do tipo *Likert*, que vai desde “nada característico em mim” até “extremamente característico em mim” (Collins & Read, 1990).

O instrumento é composto por três sub-escalas, cujos resultados foram tratados como variáveis dependentes: Resistência à proximidade (itens 1, 4, 6, 8, 12 e 13), que avalia o conforto com proximidade e intimidade; Desconfiança (2, 5, 7, 14, 16 e 18), que avalia o grau em que a pessoa confia nas outras e na sua disponibilidade; e Ansiedade (itens 3, 9, 10, 11, 15

e 17), que avalia a ansiedade nas relações, como medo de ser abandonado ou não ser amado (Bartholomew & Shaver, 1998).

Os criadores dessa escala, Collins e Read (1990), utilizaram estes três fatores para classificar o estilo de apego em três tipos: Seguro, Evitador e Ansioso. O tipo seguro seria aquele com menores valores nos três fatores da escala. O tipo evitador, aquele com valores altos em resistência à proximidade e desconfiança e baixos em ansiedade. E o tipo Ansioso seria caracterizado por valores altos em ansiedade e médios em resistência à proximidade e desconfiança. Outros autores, como Ainsworth (1978), classificam o estilo de apego adulto em: seguro; ansioso e evitativo/esquivo; e ansioso e resistente.

A Escala de Estilo de Relacionamento ainda está em processo de validação, apesar de ter sido utilizada em diversas pesquisas da área de apego, inclusive de orientação evolucionista (Da Silva, 2008; Ferreira, 2009; Lordelo, 2009). O instrumento foi somente adaptado e traduzido, sem a construção de mais itens voltados para a cultura brasileira; também não há estudos sobre sua validade de face (se as pessoas entendem o que está sendo perguntado) e validade de conteúdo dos itens (se os itens refletem o que se propõem a medir). Todavia, considerando ser este um estudo exploratório, a escala pôde ser usada para fins de pesquisa.

Foi escolhido trabalhar com uma escala que avalia sistemas de comportamento de apego, pois Bartholomew e Shaver (1998) relatam que esse tipo de medida se correlaciona significativamente com “a forma como as pessoas discutem relações próximas, observações da comunicação marital, términos de relacionamento, padrões de auto-revelação, e a procura e provisão de suporte social em situações estressantes” (Bartholomew & Shaver, 1998, p. 29). Além disto, este tipo de instrumento pode ser replicado com resultados semelhantes, o que tem uma menor probabilidade de acontecer com entrevistas.

4.3 Procedimento de coleta de dados

O Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1996), em sua Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, resume a obrigação ética do pesquisador: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

Seguindo orientação desta resolução e do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005), foi construído um Termo de Consentimento Livre Informado (Apêndice A), onde os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, da divulgação pública dos dados, da voluntariedade e gratuidade de sua participação e da possibilidade de desistência da mesma sem qualquer sanção ou pena. A pesquisa foi realizada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

A amostra foi coletada por conveniência, de forma acidental, cada pessoa que respondeu o instrumento indicou outra, que foi respondeu o questionário, e assim por diante. A coleta de dados ocorreu em ambientes apropriadamente reservados, com o pesquisador disponível para dar suporte a possíveis esclarecimentos. Houve pouca dificuldade no acesso à amostra e o tempo de aplicação médio do instrumento inteiro foi de aproximadamente vinte e cinco minutos.

4.4 Tratamento dos dados

Os três instrumentos utilizados, o Questionário sociodemográfico e de eventos estressores, o Instrumento de Vínculo Parental e a Escala de estilo de relacionamento foram

tratados diferencialmente.

A partir do Questionário foram construídas as seguintes variáveis: *Estresse material*, *Estresse psicológico*, *Estresse familiar* e *Estresse total*. O escore de estresse material foi obtido a partir da soma dos valores de cada uma das variáveis relacionadas à pobreza (Quadro 1). Este procedimento também foi aplicado aos estressores psicológicos. A variável *Estressores familiares* foi construída a partir de sete sub-escalas (*Likert*), agrupadas em um escore total. A variável *Estresse total*, por fim, foi constituída pela soma dos valores das variáveis *Estresse material*, *Estresse psicológico* e *Estresse familiar*.

Para obter a variável *Índice de Hollingshead*, o escore individual de cada progenitor foi calculado pela multiplicação do valor obtido com a ocupação por um peso cinco e o valor da educação por um peso três, somando-se os dois valores. Em seguida, os escores de cada um dos progenitores foram somados, e o total foi dividido por dois (Hollingshead, 1975).

As variáveis sociodemográficas, como *Escolaridade* e *Religião*, e as de eventos estressores, como *Morte* e *Separação dos pais*, também foram analisadas individualmente, em relação ao estilo de apego. Para isto, foi realizado um reagrupamento de categorias das variáveis como *Idade* e *Escolaridade*, considerando as frequências observadas, de modo a obter grupos de tamanho suficiente para permitir a análise e cálculos de frequência e medidas de dispersão.

Quanto ao Instrumento de Vínculo Parental, as variáveis que ela produz são *Estilo Parental Materno* e *Estilo Parental Paterno*. Cada uma destas é dividida em quatro categorias: Restritivo afetuoso, Parentalidade ótima, Controle sem afeto e Parentalidade negligente. A primeira é caracterizada por alto cuidado e alto controle; a segunda, por alto cuidado e baixo controle; a terceira, por baixo cuidado e alto controle; e a última, por baixo cuidado e baixo controle. Não são gerados escores.

A Escala de Estilo de Relacionamento produz, além dos três fatores (resistência à proximidade, desconfiança e ansiedade), três tipos de apego, de acordo com a literatura (Seguro, Ansioso e Evitativo), obtidos através da análise de *clusters*. Análises preliminares mostraram que os resultados comportaram-se de modo semelhante nos dois tratamentos.

Portanto, decidiu-se utilizar apenas os três fatores resultantes do agrupamento de itens, buscando evitar a perda de informação resultante das transformações realizadas; além disto, assumiu-se como pressuposto a possibilidade de casos não pertinentes a um dos tipos de apego reduzirem o número total de casos para análise. Finalmente, calculou-se um escore global de insegurança (Insegurança total), somando-se todos os itens da escala.

5. RESULTADOS

5.1 Características da amostra

As participantes desta pesquisa foram relativamente jovens, com idade mínima de 20 anos. A média encontrada foi 28,64 anos (DP= 5,65) e as respondentes se agruparam em três faixas etárias, de acordo com a frequência encontrada, como pode ser observado na Tabela 1. Como o estudo piloto foi aplicado em pessoas entre os 26 e 30 anos, que posteriormente indicaram sua rede social, era esperado que a maioria das participantes fizesse parte desta faixa etária.

Variável	%
<i>Idade</i>	
20 a 25 anos	34,2%
26 a 30 anos	38,3%
31 anos ou mais	27,5%
M = 28,64 (DP = 5,65)	
<i>Escolaridade</i>	
11 anos	34,0%
12 a 16 anos	35,3%
17 anos ou mais	30,7%
M = 14,61 (DP = 3,34)	
<i>Estado civil</i>	
Solteira	67,1%
Casada / Mora junto	26,2%
Viúva / Divorciada	6,7%
<i>Religião</i>	
Católica	63,2%
Espírita	20,8%
Outras	16,0%
<i>Cor da pele</i>	
Branca	26,0%
Negra	23,3%
Parda	43,2%
Amarela / Indígena	7,5%

Tabela 1. Características sociodemográficas das participantes (n= 150)

Todas as participantes necessariamente tinham o ensino médio completo. A partir daí, a amostra foi segmentada em três faixas de escolaridade, buscando atender a divisão formal do ensino. O tempo de escolaridade foi bastante elevado (M= 14,61, DP= 3,34), concentrando-se a amostra nas faixas superiores. Somando-se as duas classes de escolaridade mais alta, a maioria das participantes (66%) declarou ter curso superior completo ou incompleto.

Quase dois terços das participantes eram mulheres solteiras, resultado esperado diante da idade predominante. Um percentual de 74% relatou ter uma religião, sendo que a maioria

era católica (62%), religião professada por 73,8% dos brasileiros (IBGE, 2001, 2009); quase metade da amostra descreveu-se como parda (43,3%), uma característica que representa bem a população das regiões pesquisadas (IBGE, 2001, 2009).

As participantes também foram categorizadas quanto as características de suas famílias de origem, como se pode verificar na Tabela 2. As mães das respondentes tinham, em média, 10,8 anos de escolaridade (DP= 4,4), um pouco abaixo do ensino médio completo; quanto à média dos pais, esta foi um pouco mais alta, de 11,2 anos (DP= 4,5). A divisão entre as faixas de escolaridade, porém, mostrou-se parecida, com exceção daqueles que tinham ensino superior completo, em que a percentagem de pais foi um pouco mais alta (40,3%) do que a das mães (35,6%).

Variável	%
<i>Escolaridade da mãe</i>	
0 a 4 anos	12,8%
5 a 10 anos	13,4%
11 anos	38,3%
12 anos ou mais	35,6%
M = 10,76 (DP = 4,4)	
<i>Escolaridade do pai</i>	
0 a 4 anos	10,1%
5 a 10 anos	14,1%
11 anos	35,6%
12 anos ou mais	40,3%
M = 11,22 (DP = 4,5)	

Tabela 2. Características sociodemográficas da família das participantes (n = 150)

A escolaridade dos pais e mães foi um pouco mais baixa do que a encontrada para as

próprias participantes. Um expressivo percentual de 12,8% de mães e 10,1% de pais tinha menos de cinco anos de escola, caracterizando o que é considerado analfabetismo funcional, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2005).

5.2 Eventos estressores

Como discutimos anteriormente, o estresse é resultado de um contexto incapaz de ser enfrentado, suscitando repercussões físicas e psicológicas. Para explorar os eventos produtores de estresse foi utilizado o Questionário sociodemográfico e de eventos estressores.

Muitos dos eventos estiveram presentes na história da infância das participantes, entretanto, em frequências diferentes. De modo geral, mesmo os eventos mais frequentes atingiram cerca de um terço da amostra. Foi considerado de alta frequência a partir de 25%, de média, entre 15% e 24,9%; e de baixa, menor do que 14,9% de ocorrência.

Os eventos estressores *Clima familiar negativo*, *Relacionamento negativo entre os pais*, *Conflito entre os pais*, *Conflito com o pai*, *Conflito com a mãe*, *Atitude negativa do pai* e *Atitude negativa da mãe* foram contabilizados apenas quando um dos dois valores mais altos da escala de cinco pontos foi marcado.

Evento estressor	%
Alta ocorrência	
<i>Familiar foi hospitalizado</i>	34,5%
<i>Familiar foi assaltado</i>	28,4%
<i>Havia problemas de criminalidade na vizinhança</i>	28,4%
<i>Foi hospitalizada</i>	28,7%
<i>Conviveu com alcoolistas</i>	26,8%
Média ocorrência	
<i>Não tinha acesso ao dentista</i>	23,5%
<i>Pais se separaram</i>	23,3%
<i>Familiar teve doença crônica</i>	22,4%
<i>Relacionamento negativo entre os pais</i>	19,7%
<i>Conflito entre os pais</i>	18,2%
<i>Mudou de cidade</i>	18,0%
<i>Clima familiar negativo</i>	18,0%
<i>Pai ficou desempregado</i>	17,5%
<i>Teve insuficiência de alimentos</i>	17,3%
<i>Mãe ficou desempregada</i>	16,7%
<i>Rua sem pavimentação</i>	16,7%
<i>Atitude negativa do pai</i>	16,5%
Baixa frequência	
<i>Teve doença grave</i>	14,7%
<i>Casa foi assaltada</i>	14,1%
<i>Presenciou um tiroteio</i>	13,4%
<i>Não possuía casa própria</i>	12,8%
<i>Conviveu com doentes mentais</i>	12,0%
<i>Viu uma pessoa morta violentamente</i>	12,0%
<i>Sem rede coletora de esgoto</i>	9,4%
<i>Teve doença crônica</i>	8,8%
<i>Foi assaltada</i>	8,7%
<i>Conflito com o pai</i>	6,8%
<i>Não tinha acesso a medicamentos</i>	6,7%
<i>Familiar teve doença grave</i>	6,7%
<i>Conviveu com padrasto</i>	5,6%
<i>Atitude negativa da mãe</i>	6,1%
<i>Atitude negativa da mãe</i>	6,1%
<i>Conflito com a mãe</i>	5,3%
<i>Pai morreu</i>	4,7%
<i>Conviveu com usuários de drogas</i>	4,7%
<i>Não tinha acesso à assistência médica</i>	4,7%
<i>Sem água encanada</i>	4,0%
<i>Familiar foi preso</i>	2,0%
<i>Mãe morreu</i>	2,0%
<i>Sem energia elétrica</i>	2,0%
<i>Conviveu com madrasta</i>	1,4%

Tabela 3. Frequência dos eventos estressores na amostra (n = 150)

Em todos os tipos de estresse poucas pessoas tiveram uma frequência que poderia ser considerada alta. Os escores mais altos de estresse familiar (de um total de sete itens) foram três e quatro eventos (12%), os quais foram experienciados por apenas 17 pessoas (12% da amostra). Apenas seis pessoas tiveram mais do que cinco eventos estressores materiais (70%), de um total de 11. Quatro pessoas tiveram mais do que nove eventos estressores psicológicos (70%), de um total de 13. E do total de 31 eventos estressores, apenas quatro pessoas tiveram entre 15 e 17 eventos estressores.

Estes resultados ensejam uma discussão sobre como classificar uma amostra como população de risco. A revisão de literatura mostrou que há divergências neste campo, quanto a que eventos estressores são suficientes para caracterizar risco. Desta forma, só é possível afirmar que esta amostra se caracteriza por uma frequência maior de estressores relacionados a condições de saúde e de segurança.

5.3 Apego adulto

Para explorar a interação entre os fatores da escala de relacionamento, foi realizada inicialmente uma análise de correlação de Pearson, que pode ser observada na Tabela 4. Basicamente todos os fatores tiveram correlações positivas e médias entre si, com exceção da correlação entre Resistência à proximidade e Ansiedade [$r = 0,20$, $p < 0,05$], que foi baixa.

Isto indica que os fatores de apego não são isolados, confirmando o entendimento de Collins e Read (1990) de que uma das formas de trabalhar com o estilo de apego é a combinação de fatores. Este resultado também justifica a presente decisão de uso de uma variável geral de insegurança do apego (*Insegurança total*).

	1	2	3	4
1. Resistência à proximidade	-	-	-	-
2. Desconfiança	0,33**	-	-	-
3. Ansiedade	0,20*	0,45**	-	-
4. Insegurança total	0,61**	0,81**	0,80**	-

Tabela 4. Coeficientes de correlação de Pearson entre os fatores de apego

* = $p < 0,05$

** = $p < 0,01$

A média do fator Resistência à proximidade foi 2,1 (SD= 0,7), a do fato Desconfiança foi 2,6 (SD= 0,8), a do fator Ansiedade foi 2,1 (SD= 1,0), e a do fator Insegurança total foi 2,3 (SD= 0,6).

5.4 Características da amostra e apego adulto

As variáveis sociodemográficas, como escolaridade dos pais e número de irmãos, também surgem na literatura como relevantes para o estilo de apego (Lopes et al., 2003; Poletto et al., 2009). Através de uma análise de variância entre estas variáveis e o estilo de apego, buscaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos grupos. Estas diferenças não foram encontradas quanto às variáveis *Escolaridade paterna* e *Cor da pele*. Entretanto, as médias das participantes variaram quanto a Ansiedade e Insegurança total em relação às variáveis *Escolaridade materna*, *Número de irmãos* e *Idade*.

Houve diferenças significativas entre as médias de Ansiedade das participantes quanto à escolaridade materna [$F= 3,488$; $p < 0,05$]. O tamanho do efeito (efeito de Cohen) desta análise de variância foi de 0,46, o que significa que ele tem um moderado poder de predição de resultado. A partir de uma análise *post-hoc* (teste de Bonferroni), na qual é possível

encontrar onde os grupos se diferenciam, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre o grupo de escolaridade materna de zero a 10 anos, que teve a menor média ($M= 1,9$, $DP= 1,0$), e o grupo de 12 anos ou mais, que teve a maior média ($M= 2,5$, $DP= 1,1$). Isto é, quanto menor era a escolaridade materna, menor foi o escore de Ansiedade.

As mulheres que tinham menos irmãos também tiveram médias mais altas no fator Ansiedade ($M= 2,4$, $DP= 1,0$; $F= 3,413$; $p < 0,05$). O que significa que, quanto menos irmãos, maior foi a ansiedade. O tamanho do efeito (efeito de Cohen) também foi moderado (0,44). Entretanto, neste caso, este valor não foi suficientemente alto para que a análise *post-hoc* de Bonferroni apontasse uma diferença estatisticamente significativa entre as médias.

Por fim, as participantes mais jovens tiveram escores mais altos em Ansiedade [$F= 8,192$; $p < 0,001$] e em Insegurança total [$F= 6,001$; $p < 0,01$]. O tamanho do efeito (efeito de Cohen) do primeiro fator foi alto (0,83) e do segundo, moderado a alto (0,65).

A análise *post-hoc* de Bonferroni mostrou diferenças estatisticamente significativas no fator Ansiedade em duas interações. Entre o grupo de 20 a 25 anos ($M= 2,4$, $DP= 1,1$) e o de 31 anos ou mais ($M= 1,6$, $DP= 0,7$); e entre o grupo de 26 a 30 anos ($M= 2,2$, $DP= 0,9$) e o de 31 anos ou mais. No fator Insegurança, esta diferença apareceu apenas entre o grupo 20 a 25 anos ($M= 2,4$, $DP= 0,6$) e o de 31 anos ou mais ($M= 2,0$, $DP= 0,5$). Desta forma, mulheres mais jovens são mais ansiosas e inseguras, entretanto apenas em relação às mais velhas.

5.5 Eventos estressores e apego adulto

Os eventos estressores citados, no capítulo anterior, foram estudados de forma a explorar sua relação com o estilo de apego adulto, objetivo desta pesquisa. Uma das discussões primordiais para o entendimento do papel dos eventos estressores do

desenvolvimento é a influência da pobreza, sendo que muitos autores não vêem uma ligação direta e inexorável entre esta e o desenvolvimento (Halpern, 1990; Pettit et al., 1997). A parentalidade seria o fator de conexão entre estas duas esferas.

Nesta pesquisa, buscou-se incluir a questão da pobreza como um dos elementos a levar em conta no estudo do apego adulto. Foi empregado o Índice de Hollingshead para avaliar o *status* socioeconômico das participantes. Para verificar se ele teria uma relação com os tipos de eventos estressores, realizou-se um teste de correlação (r de Pearson) na qual ele se mostrou correlacionado a *Estresse material* e *Estresse total*. A análise demonstrou que quanto mais alto o *status* social da família da participante, menor é o *Estresse total* [$r = - 0,19; p < 0,05$] e o *Estresse material* [$r = - 0,42; p < 0,01$].

O conceito de estressores adotado neste trabalho envolve a acumulação de eventos geralmente apontados como perturbadores, ou seja, embora os eventos isolados possam não ter efeitos detectáveis sobre os indivíduos, a ocorrência de vários deles, em conjunto, poderia gerar uma vivência global de instabilidade.

Foi possível distinguir subgrupos de eventos, reunidos conforme a sua natureza: materiais, psicológicos e familiares. A análise das correlações encontradas entre estes três grupos, porém, sugere que eles são moderada e positivamente correlacionados. Como pode ser visto na Tabela 5, há uma correlação positiva entre *Estresse material* e as duas outras categorias: *Estresse psicológico* [$r= 0,21, p < 0,01$] e *Estresse familiar* [$r= 0,27, p < 0,01$]. Da mesma forma, as categorias de *Estresse familiar* e *Estresse psicológico* mostraram uma correlação estatisticamente significativa [$r= 0,30, p < 0,01$].

	1	2	3
1. Estressores materiais	-	-	-
2. Estressores psicológicos	0,21**	-	-
3. Estressores familiares	0,27**	0,30**	-

Tabela 5. Coeficientes de correlação de Pearson entre Estressores materiais, Estressores psicológicos e Estressores familiares

** = $p < 0,01$

Os eventos estressores, portanto, estão relacionados entre si, o que já era indicado pela literatura. O que ainda não estava inteiramente claro era o papel que estes mesmos eventos estressores desempenham no desenvolvimento do estilo de apego adulto.

O comportamento das variáveis dependentes e independentes, respectivamente fatores de apego e eventos estressores, foi analisado para explorar a primeira hipótese de que um estilo de apego inseguro estaria relacionado a uma maior quantidade de eventos estressores específicos. Neste sentido, foi realizada uma análise de correlação (r de Pearson) entre os tipos de estresse e os fatores, sendo possível observar, na Tabela 6, correlações positivas e estatisticamente significativas entre *Estresse familiar* e os escores *Resistência à proximidade*, *Desconfiança* e *Insegurança total*, indicando que este seja o tipo de evento estressor mais importante para o estilo de apego.

	Resistência à proximidade	Desconfiança	Ansiedade	Insegurança total
Índice de Hollingshead	0,07	- 0,14	0,10	0,02
Estresse material	0,06	0,05	- 0,07	0,01
Estresse psicológico	0,12	0,14	0,22**	0,22**
Estresse familiar	0,21*	0,19*	0,15	0,24**
Estresse total	0,14	0,13	0,16	0,19*

Tabela 6. Coeficientes de correlação de Pearson entre os fatores de apego e de estresse e o Índice de Hollingshead

* = $p < 0,05$

** = $p < 0,01$

Também foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre *Estresse total* e *Insegurança total* [$r = 0,18$; $p < 0,05$]. Mas não só o apego varia de acordo com o estresse total, mas também está correlacionado com fatores específicos, como nas correlações entre *Estresse psicológico* e *Ansiedade* [$r = 0,22$; $p < 0,01$], e *Estresse psicológico* e *Insegurança total*.

Não houve correlação entre o *Índice de Hollingshead* e os fatores de apego, assim como entre estes fatores e o *Estresse material*. Apesar deste resultado, pode existir uma relação indireta e fraca entre pobreza e desenvolvimento, sendo o apego parte dele, intermediada, por exemplo, pelo estresse psicológico e familiar, como alguns autores indicam (Ackerman et al., 2002; Linver et al., 2002; Pettit et al., 1997).

Deve ser observado que as associações encontradas não podem ser tomadas como uma relação de causa e efeito, pela natureza correlacional do estudo; entretanto, é evidente que elas apontam para uma relação importante entre eventos estressores específicos e estilo de apego.

5.5.1 Eventos estressores isolados e estilo de apego adulto

A decisão de trabalhar com grupos de eventos estressores, entretanto, não descartou a possibilidade de analisar as variáveis isoladas. Algumas pesquisas encontraram influências de variáveis como morte dos pais (Lipp, 2000b), divórcio (Lopez et al., 2000), mudanças de casa (Adam & Chase-Lansdale, 2002), entre outros, no desenvolvimento.

Uma análise de variância entre estes estressores isolados e os fatores de apego mostrou que a única variável relacionada isoladamente ao fator do estilo de apego Resistência à proximidade foi *Pai morreu* ($F= 7,116, p < 0,01$). O fator Desconfiança também foi associado a uma única variável, *Doença crônica* ($F= 5,714, p < 0,05$). Entretanto, foi uma relação inesperada: mulheres que desenvolveram uma doença crônica tiveram escores menores em Desconfiança.

As variáveis que se relacionaram com o fator Ansiedade foram *Doença grave* ($F= 4,085, p < 0,05$), *Familiar hospitalizado* ($F= 4,172, p < 0,05$), *Convivência com alcoolismo* ($F= 6,994, p < 0,01$) e *Foi assaltada* ($F= 5,988, p < 0,05$). E as variáveis que se associaram com o total de insegurança foram *Convivência com alcoolismo* ($F= 4,252, p < 0,05$) e *Foi assaltada* ($F= 4,317, p < 0,05$).

Estas variáveis fazem parte das condições de saúde e segurança, com exceção de *Pai morreu*. Como foi visto no item 5.2, elas também tiveram uma alta frequência.

5.5.2 Estilo parental e estilo de apego adulto

A partir destes resultados, é possível identificar o estresse familiar como tendo um

impacto importante, na presente amostra, para o estilo de apego adulto. Os resultados das pesquisas de autores como Keller (1996), Cyr e Moss (2001) e os pesquisadores do NICHD (2006) estão de acordo com este pensamento.

Considerando a parentalidade áspera como um evento estressor, o Instrumento de Vínculo Parental, inicialmente planejado para complementar o estudo do estilo de apego, constituiu-se, no presente estudo, como um meio apropriado para fornecer um aprofundamento sobre a variável *Estresse familiar*, tendo em vista que as interações entre pais e filhos devem refletir, em maior ou menor grau, variáveis do contexto mais amplo. De fato, estas interações podem ser as influências mais fortes para o desenvolvimento do estilo de apego adulto, visto que os pais são os parceiros mais constantes e estáveis da criança.

O Instrumento de Vínculo Parental (Parker, 1992) fornece quatro categorias de parentalidade: Restritivo afetuoso, Parentalidade ótima, Controle sem afeto e Parentalidade negligente. Foram testadas as associações entre estas categorias, tanto as do estilo materno e do estilo paterno, e os fatores de apego.

Na Tabela 7, observa-se que em relação ao tipo de estilo materno há diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos fatores de apego. As maiores médias de Desconfiança [$F= 3,336, p < 0,05$], Ansiedade [$F= 4,636, p < 0,01$] e Insegurança total [$F= 5,068, p < 0,01$], neste estilo foram as de filhas de mães controladoras, mas não cuidadoras/afetuosas (Controle sem afeto). O tamanho do efeito (efeito de Cohen) destas análises de variância foi respectivamente 0,51, 0,63 e 0,66; o que significa que o teste, uma análise de variância, tem uma probabilidade média de atingir significância estatística, e por isso, menor poder preditivo.

A maior média do fator Desconfiança ocorreu na categoria Controle sem afeto ($M= 2,8, DP= 0,1$) e a menor na categoria Parentalidade negligente ($M= 2,1, DP= 1,0$). A maior

média do fator Ansiedade também foi a da categoria Controle sem afeto ($M= 2,4$, $DP= 1,0$) e novamente a menor foi da categoria Parentalidade negligente ($M= 1,5$, $DP= 0,5$). Por fim, a maior média do fator Insegurança total seguiu a tendência de ser atribuída à categoria Controle sem afeto ($M= 2,5$, $DP= 0,6$), e a menor, à categoria Parentalidade negligente ($M= 1,9$, $DP= 0,6$). As segundas menores médias em todos os fatores foram da categoria Parentalidade ótima.

	N	Resistência à proximidade	Desconfiança	Ansiedade	Insegurança total
Estilo materno					
Restritivo afetuoso	70	2,1 (0,6)	2,6 (0,8)	2,2 (1,0)	2,3 (0,6)
Parentalidade ótima	27	2,0 (0,6)	2,3 (0,8)	1,7 (0,6)	2,0 (0,5)
Controle sem afeto	41	2,3 (0,8)	2,8 (0,8)	2,4 (1,0)	2,5 (0,6)
Parentalidade negligente	12	2,1 (0,6)	2,1 (1,0)	1,5 (0,5)	1,9 (0,6)
<i>F</i>		1,206	3,336 *	4,636**	5,068**
Estilo paterno					
Restritivo afetuoso	59	2,1 (0,7)	2,6 (0,9)	2,0 (0,9)	2,2 (0,6)
Parentalidade ótima	30	1,9 (0,6)	2,1 (0,6)	2,0 (0,9)	2,0 (0,5)
Controle sem afeto	43	2,2 (0,7)	2,8 (0,7)	2,2 (1,0)	2,4 (0,6)
Parentalidade negligente	18	2,2 (0,6)	2,6 (0,9)	2,3 (1,2)	2,4 (0,7)
<i>F</i>		1,253	4,398**	0,603	2,595

Tabela 7. Média dos fatores do estilo de apego quanto aos estilos parentais

* = $p < 0,05$

** = $p < 0,01$

*** = $p < 0,001$

A partir deste resultado, resolveu-se utilizar um teste *post-hoc*, especificamente o Teste de Bonferroni, a fim de descobrir quais grupos diferiam significativamente dos outros em relação à média. No fator Desconfiança, o teste não mostrou diferenças entre as médias. Este resultado é justificado pelo baixo poder preditivo da análise de variância (efeito de Cohen: 0,51).

O teste *post-hoc* Bonferroni quanto aos fatores Ansiedade e Insegurança total mostrou que as participantes com mães mais controladoras, mas não cuidadoras (Controle sem afeto) possuíam escores significativamente mais altos nesses dois fatores do que as participantes com mães cuidadoras, mas não controladoras (Parentalidade ótima) e do que as participantes com mães negligentes (Parentalidade negligente). A partir deste resultado é possível deduzir que o construto Controle possui uma grande importância para a análise da relação entre estilo parental materno e estilo de apego adulto.

Quanto ao estilo paterno, a análise de variância só encontrou diferença estatisticamente significativa entre as médias das participantes no fator Desconfiança. Filhas de pais mais controladores, mas não cuidadores (Controle sem afeto) tiveram escores mais altos nesse fator [$F= 4,398$; $p < 0,01$]. O tamanho do efeito (efeito de Cohen) deste teste foi 0,60, portanto, ele tem médio poder preditivo. Utilizando o teste *post-hoc* Bonferroni, foi encontrado que as participantes cujos pais eram controladores, mas não cuidadores (Controle sem afeto) tiveram médias estatisticamente mais altas ($M= 2,8$, $DP= 0,7$) do que as participantes com pais cuidadores, mas não controladores (Parentalidade ótima) ($M= 2,1$, $DP= 0,6$).

A análise de variância não mostrou diferenças estatisticamente significativas entre as médias das categorias no fator Insegurança total; o tamanho do efeito (efeito de Cohen) deste teste quanto a este fator foi de 0,46, o que significa que o teste realmente possui médio poder preditivo. Isso é coerente com o resultado da análise *post-hoc*, que mostrou uma diferença estatisticamente significativa nas médias deste fator entre filhas de pais controladores, mas não cuidadores (Controle sem afeto) ($M= 2,4$, $DP= 0,6$) e filhas de pais cuidadores, mas não cuidadores (Parentalidade ótima) ($M= 2,0$, $DP= 0,5$). Isto é, o construto Cuidado mostrou-se mais importante na relação entre estilo parental paterno e estilo de apego adulto.

As quatro categorias empregadas por Parker (1992) são combinações de duas

dimensões do estilo parental, a saber, cuidado e controle. Com o objetivo de isolar estas dimensões, os grupos foram re-categorizados quanto às dimensões e sua associação com os estilos de apego adulto foi testada. Essa decisão foi tomada diante dos resultados da Tabela 7, que mostraram como a presença de controle na ausência de cuidado influenciou a análise do estilo parental materno.

Utilizando uma análise de variância com o estilo materno, dicotomizado por cuidado e controle, como pode ser visto na Tabela 8, foi explorada novamente a relação entre estilo parental e fatores do estilo de apego. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos fatores das filhas de mães cuidadoras e das filhas de mães não cuidadoras.

	N	Resistência à proximidade	Desconfiança	Ansiedade	Insegurança total
Dimensão cuidado					
Com cuidado (Restritivo afetuoso / Parentalidade ótima)	97	2,1 (0,6)	2,5 (0,8)	2,1 (1,0)	2,2 (0,6)
Sem cuidado (Controle sem afeto / Parentalidade negligente)	53	2,2 (0,7)	2,6 (0,9)	2,2 (1,0)	2,3 (0,6)
<i>F</i>		2,719	0,372	0,241	1,239
Dimensão controle					
Com controle (Restritivo afetuoso / Controle sem afeto)	111	2,2 (0,7)	2,7 (0,8)	2,3 (1,0)	2,4 (0,6)
Sem controle (Parentalidade ótima / Parentalidade negligente)	39	2,0 (0,6)	2,2 (0,8)	1,6 (0,6)	2,0 (0,5)
<i>F</i>		0,915	9,212**	13,207***	13,372***

Tabela 8. Médias dos fatores do estilo de apego quanto ao estilo materno

** = $p < 0,01$

*** = $p < 0,001$

Entretanto, na dimensão controle, filhas de mães controladoras tiveram médias estatisticamente mais altas do que filhas de mães não controladoras, em dois dos três fatores de apego, e no fator Insegurança total. As participantes com maiores médias em Desconfiança [$F= 9,212, p < 0,01$], Ansiedade [$F= 13,207, p < 0,001$] e Insegurança total [$F= 13,372, p < 0,001$] relataram terem tido mães mais controladoras durante a infância e adolescência. O tamanho de efeito (efeito de Cohen), entretanto, só foi alto no fator Desconfiança (0,83). Em Ansiedade, foi 1,15, e em Insegurança total, 1,17, considerados baixos.

Quanto ao estilo paterno, como pode ser visto na Tabela 9, na dimensão Cuidado as participantes que tiveram pais pouco cuidadores tiveram médias mais altas em Desconfiança [$F= 5,248, p < 0,05$] e Insegurança total [$F= 5,192, p < 0,05$]. O tamanho de efeito (efeito de Cohen) foi médio nos dois fatores (0,50 e 0,51). Quanto à dimensão controle, pais mais controladores estiveram associados a filhas mais desconfiadas [$F= 7,717, p < 0,01$], sendo o tamanho do efeito (efeito de Cohen) alto (0,71). Outros dados podem ser visualizados na Tabela 9.

	N	Resistência à proximidade	Desconfiança	Ansiedade	Insegurança total
Dimensão cuidado					
Com cuidado (Restritivo afetuoso / Parentalidade ótima)	89	2,1 (0,7)	2,4 (0,8)	2,0 (0,9)	2,2 (0,6)
Sem cuidado (Controle sem afeto / Parentalidade negligente)	61	2,2 (0,6)	2,8 (0,8)	2,2 (1,1)	2,4 (0,6)
<i>F</i>		2,355	5,248*	1,699	5,192*
Dimensão controle					
Com controle (Restritivo afetuoso / Controle sem afeto)	102	2,2 (0,7)	2,7 (0,8)	2,1 (1,0)	2,3 (0,6)
Sem controle (Parentalidade ótima / Parentalidade negligente)	48	2,0 (0,6)	2,3 (0,8)	2,1 (1,0)	2,2 (0,6)
<i>F</i>		1,123	7,717**	0,023	2,361

Tabela 9. Médias dos fatores do estilo de apego quanto ao estilo paterno

* = $p < 0,05$

** = $p < 0,01$

Desta forma, tanto o construto Controle quanto Cuidado mostraram-se importantes para o estilo paterno.

6. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi identificar eventos estressores na infância e explorar sua relação com o apego adulto. Para isto, foram descritos os eventos estressores na infância, identificado os fatores do apego adulto, e os eventos estressores na infância foram relacionados com o apego adulto. Esses objetivos foram cumpridos e auxiliam o entendimento da relação entre desenvolvimento na infância e apego adulto.

6.1. Uma visão geral

O objetivo desta subseção foi apenas agrupar os resultados gerais, que serão discutidos em sua abrangência na próxima seção.

Este estudo teve como meta a descrição das relações entre eventos estressores e apego adulto, especialmente diante da importância que este assunto assume para o desenvolvimento. A partir da perspectiva da psicologia evolucionista e de suas teorias de nível médio, abordagem teórica utilizada nesta pesquisa, esperava-se que condições de estresse durante os anos de infância fossem associadas a um apego adulto inseguro.

De modo geral, os resultados obtidos são congruentes com essa perspectiva, embora restem alguns aspectos pesquisados para os quais as respostas não foram conclusivas ou foram divergentes das previsões da teoria. Tanto as convergências quanto as divergências devem ser analisadas cuidadosamente, visando a extrair conclusões que subsidiem o avanço da pesquisa na área e a consolidação das teorias.

A amostra, de forma geral, foi composta por mulheres jovens, com alta escolarização,

religiosas, católicas e pardas, com pais com média escolaridade. Quanto ao status socioeconômico, obtidos utilizando os dados do Hollingshead, grande parte da amostra é de uma classe econômica média ou alta, e, deste modo, deve ter estado sujeita a uma menor quantidade de estressores materiais, o que é consistente com a frequência de eventos encontrada. Em relação ao apego, o estilo inseguro esteve correlacionado positivamente com escolaridade materna, e negativamente com o número de irmãos e a idade. Esse resultado é respaldado parcialmente pelos achados de Mickelson et al. (1997) e de Sulloway (2007).

Estresse familiar, medido pela soma dos resultados de sete escalas *Likert*, mostrou-se a variável com maior impacto nos modelos de apego adulto, um resultado compatível com a literatura na área. Por exemplo, esse resultado é semelhante àqueles obtidos por Adam e Chase-Lansdale (2002), Hinnen et al. (2009), Kristensen et al. (2004), Leung et al. (2009) e o de Lopez et al. (2000).

Estresse psicológico, medido através da soma dos resultados positivos de treze variáveis (vide item 4), foi relacionado a apego adulto mais inseguro. Este é um resultado respaldado em estudos anteriores, como os de Alexander (2009), Hinnen et al. (2009), Lopez et al. (2000) e o de Mickelson et al. (1997), que pesquisaram a influência de variáveis psicológicas de estresse no estilo de apego. Estresse total também se correlacionou com o fator Insegurança total do apego, o que era esperado, pois a variável *Estresse total* é composta pelas variáveis *Estresse familiar*, *Estresse psicológico* e *Estresse material*, que tiveram correlações positivas com os fatores da escala de relacionamento, que compõem a variável *Insegurança total*.

Um resultado inesperado, de acordo com as teorias de referência, foi a falta de correlação estatisticamente significativa entre *Estresse material* e apego adulto mais inseguro (Belsky, 2001; Ackerman et al., 2002; Leung et al., 2009).

Além de os tipos de eventos estressores terem sido agrupados para as análises estatísticas, eles também foram tratados em separado. As variáveis que se correlacionaram positivamente com os fatores de apego foram: *Pai morreu*, *Doença crônica*, *Doença grave*, *Familiar hospitalizado*, *Convivência com alcoolismo* e *Foi assaltada*. Todas estas correlações encontram respaldo na literatura (Kristensen et al., 2004; Lipp, 2000a; Lopes et al., 2003; Loureiro & Sanches, 2006; Mickelson et al., 1997; Poletto et al., 2009), com a exceção de *Doença crônica*.

Outro resultado significativo desta pesquisa foram as altas correlações positivas entre estilo parental e estilo de apego adulto. Filhas de mães controladoras e não cuidadoras tenderam a ser mais inseguras em comparação com filhas de mães cuidadoras e não controladoras ou mesmo negligentes (nem cuidadoras, nem controladoras). Por outro lado, filhas de pais controladores e não cuidadores também tendiam a ser inseguras, mas apenas em comparação com filhas de pais cuidadores e não controladores. Apesar disto, de forma geral, pais cuidadores e não controladores tiveram filhas mais seguras. Estes resultados são parcialmente confirmados pelos estudos de Manassis et al. (1999) e Reppold (2001).

Entretanto, para entender o alcance destes resultados gerais, foi necessário compará-los à literatura, de forma específica.

6.2 Resultados específicos

Algumas das variáveis que caracterizam o contexto são as variáveis sociodemográficas, como idade e escolaridade dos pais e número de irmãos. Na revisão de literatura realizada, além de pobreza, poucos estudos encontraram a influência de características sociodemográficas no estilo de apego, apesar dos achados da presente pesquisa.

Estilo de apego inseguro se correlacionou positivamente com alta escolaridade materna, relação que também foi encontrada no estudo de Mickelson et al. (1997), no caso, com uma amostra norte-americana. Eles estudaram a influência de desordens psiquiátricas maternas, estilo parental, e eventos adversos no estilo de apego. De acordo com os autores, esta influência está relacionada a *status* socioeconômico e, ao mesmo tempo, a direção da correlação é questionada.

É possível supor que o maior nível de educação suscite maior nível de exigência e um estilo parental mais autoritário. Outra hipótese é de que mães com mais escolaridade trabalhem mais durante a infância, o que pode ocasionar interferência no estilo de apego. Entretanto, como a pesquisa de Mickelson et al. (1997) foi a única com esse achado além da presente, sugere-se que novas pesquisas busquem entender a relação entre escolaridade materna e estilo de apego, especialmente com foco no processo.

Quanto à associação entre número de irmãos e estilo de apego, favorecendo aquelas que tiveram menos irmãos, trata-se de um resultado esperado pela literatura. Segundo Sulloway (2007), pesquisador de origem evolucionista sobre a influência da ordem de nascimento, há uma disputa de investimento parental entre os irmãos. Com a exceção de gêmeos, cada filho é duas vezes mais aparentado consigo mesmo do que com seus irmãos, ou seja, o grau de parentesco com cada irmão é $\frac{1}{2}$, mas consigo é 1 (hum). Isso os faria competir por atenção, em detrimento de colaborarem entre si. Além disto, a posição ao nascer influenciaria as estratégias desenvolvimentais, por significar diferenças de idade, tamanho, poder e oportunidade.

Diante deste pensamento, é esperado que ter menos irmãos influencie o desenvolvimento, pois isso diminuiria a disputa por investimento parental. Segundo a psicologia evolucionista, uma criança que seja filha única, ou tenha um ou no máximo dois irmãos, tem maior investimento parental e, desta forma, um tipo de estratégia

desenvolvimental associada ao estilo de apego seguro (Belsky et al., 2001; Keller, 1996).

Quanto à associação entre ser mais jovem e estilo de apego inseguro, esta relação não encontra apoio no estudo de Mickelson et al. (1997), no qual mulheres de meia-idade, e não aquelas entre 20 e 25 anos, possuíam um estilo de apego inseguro. Esta pesquisa foi a única encontrada com uma amplitude da idade das participantes semelhante à deste estudo, e com o mesmo objetivo. Na pesquisa de Kristensen et al (2004), crianças mais velhas tinham mais estratégias de coping, o que indica que quanto mais velha a pessoa é, mais habilidades ela possui para lidar com os eventos estressores. Para melhor comparar esse resultado, portanto, são necessárias novas pesquisas.

Além disso, a associação entre idade e estilo de apego pode ser explicada pelas vicissitudes do desenvolvimento da época (20 a 25 anos), em que há a necessidade de sair de casa, casar, trabalhar; sem as habilidades sociais e emocionais desenvolvidas com a idade e experiência. Estas necessidades podem resultar em um estresse psicológico maior e estarem envolvidas no desenvolvimento de um estilo de apego inseguro.

Vários estudos buscam entender a influência da pobreza no desenvolvimento do estilo de apego, que não seria direta e simples, mas dependeria de um contexto específico onde atuam as redes de proteção, a parentalidade, a personalidade da criança, entre outros fatores (Halpern, 1990). Confirmando parte da literatura, não foi possível encontrar uma ligação direta entre pobreza e estilo de apego, entretanto, uma ligação indireta poderia ser possível.

Como se pôde observar no item 5.5, sobre a relação entre eventos estressores e estilo de apego adulto, houve uma correlação positiva entre o Índice de Hollingshead e alguns tipos de estresse, como o material e o total; também foi observada correlação entre estresse material e o estresse psicológico e familiar. Por fim, houve correlação entre estresse psicológico e familiar e o estilo de apego. Apesar de essa ligação ser indireta, é possível que esse seja o

panorama complexo no qual a pobreza desempenhe algum papel no desenvolvimento.

Uma variável poderia estar funcionando como um conector entre os fenômenos, por exemplo, qualidade da parentalidade e/ou estilo parental. A pobreza agiria através dos pais e de seus comportamentos em relação à criança, influenciando de forma indireta o desenvolvimento. Alguns estudos que encontraram resultados que apóiam esta linha de pensamento são os de Ackerman et al. (2002) e o de Leung et al. (2009), que serão discutidos posteriormente.

Este resultado está de acordo com o de Pettit et al. (1997), no estudo com mães americanas, sobre como o suporte parental poderia compensar riscos associados a adversidades familiares. Baixo SES, ser criado com apenas um pai e alto estresse familiar se correlacionaram significativamente com o ajustamento psicológico, indicando que estes fenômenos precisam estar em interação para influenciar o desenvolvimento.

No estudo de Ceconello e Koller (2000), com crianças brasileiras em situação de risco, sobre a relação entre pobreza, competência e empatia, também não foi encontrada influência da pobreza nestes aspectos do desenvolvimento. Entretanto, a média de iniciativa para resolução de problemas foi menor, o que poderia ser um resultado do efeito da pobreza. Outro resultado importante do estudo foi o de que o sexo feminino funcionou como um fator de proteção, o que pode ter acontecido no presente estudo.

Ackerman et al. (2002) também encontraram apenas algumas influências da pobreza no desenvolvimento ao pesquisar, em uma amostra de mães, cuidadoras e crianças norte-americanas, a relação entre parentalidade, eventos de vida e problemas de comportamento. Neste caso, pobreza na presença de instabilidade crônica em relacionamentos amorosos previu problemas de comportamento, mas não competência acadêmica, mostrando que não é simples e direta sua influência no desenvolvimento.

Cuidado e estilo maternos também mediaram o efeito da pobreza no estudo de Leung et al. (2009), sobre a influência da pobreza na depressão. Os autores estudaram uma amostra de 626 famílias japonesas e é importante dizer que a associação foi mais forte em díades mãe-filha do que mãe-filho, novamente mostrando que há uma diferença de gênero quanto ao desenvolvimento.

Apesar do pressuposto de que o padrão de apego se forma no 1º ano e a partir daí não sofre alterações, generalizando-se para um modelo interno de funcionamento; os estudos indicam que eventos posteriores modificam este modelo. É o que também foi encontrado neste estudo. Houve ligações diretas e fortes entre os tipos específicos de estresse; o familiar, o psicológico e o total, e um estilo de apego inseguro. Mulheres que relataram alto estresse familiar na infância tiveram escores mais altos em quase todos os fatores da escala de apego: Resistência à proximidade e Desconfiança e com o escore total de Insegurança.

Este é um achado coerente com a revisão de literatura, como o estudo de Kristensen et al. (2004) com adolescentes brasileiros quanto à frequência e ao impacto de eventos de vida estressores. Os eventos estressores familiares se diferenciaram dos outros tipos de eventos, o que era esperado pelos autores, pois o papel desempenhado pela família pode ser tanto protetor quanto estressor. Entretanto, diferente do que foi encontrado em outras pesquisas, meninas tiveram maior impacto dos eventos de vida estressores do que meninos.

Resultado similar foi o do estudo de Adam e Chase-Lansdale (2002), com adolescentes norte-americanas, no qual uma história familiar instável e disruptiva se relacionou com problemas de ajustamento. Isso decorria de um afastamento do pai, ou da mãe, sendo este último mais importante. O estudo de Hinnen et al. (2009), com uma amostra de adultos holandeses, também respalda a influência do estresse familiar para o apego. Nele, a qualidade do relacionamento parental se relacionou a um estilo de apego inseguro, enquanto outros tipos de eventos estressores, como morte dos pais, não.

Mulheres com maior quantidade de eventos estressores também tiveram maior ansiedade e insegurança total. Lopez et al. (2000), estudando o divórcio em adultos norte-americanos, encontraram influência do divórcio na forma como os adultos se lembram de sua família (menos amorosa e coesa), porém não na orientação de apego. De acordo com eles, algumas variáveis, e não outras, influenciaram o apego; por exemplo, qualidade do relacionamento marital, que deveria ser estudada, o que aconteceu no presente estudo a partir da variável *Estresse familiar*.

Entretanto, outros tipos de eventos estressores psicológicos como abuso físico, abuso de substância por um dos pais e negligência parental severa mostraram-se importantes no estudo de Mickelson et al. (1997). Outros estudos também encontraram relação entre esse tipo de estressor (psicológico), especificamente abuso sexual, e testemunho de violência e o estilo de apego, como o de Alexander (2009) com uma amostra de norte-americanos e latinos sobre a relação entre adversidades, violência em relacionamento amoroso atual e estilo de apego adulto. E também o estudo de Hinnen et al. (2009), quanto aos eventos: longa separação e psicopatologia dos pais.

Eventos isolados também se correlacionaram com o estilo de apego: *Pai morreu*, *Doença crônica*, *Doença grave*, *Familiar hospitalizado*, *Convivência com alcoolismo* e *Foi assaltada*. Estas variáveis são consideradas importantes para o desenvolvimento por diversas pesquisas já discutidas, por exemplo, morte dos pais (Cupertino et al, 2006; Kristensen et al., 2004; Loureiro & Sanches, 2006; Poletto et al., 2009), adoecimento próprio e familiar (Lopes et al., 2003), conviver com alcoolismo (Alexander, 2009 – especificamente quanto ao apego; Mickelson et al., 1997; Poletto et al., 2009) e ser assaltada (Lopes et al., 2003). Além disto, estas também foram as variáveis com maior frequência (vide item 5.2), com exceção da variável *Pai morreu*.

Mulheres que tiveram uma doença grave na infância, entretanto, tiveram um apego

adulto mais seguro do que as que não adoeceram gravemente. Este resultado não é apoiado pela revisão de literatura, pois muitas pesquisas encontraram correlação entre adoecimento e transtornos mentais comuns, como o estudo de Lopes et al. (2003), com uma amostra de adultos brasileiros, que relacionaram dados demográficos, hábitos de saúde e eventos de vida produtores de estresse, entre eles o adoecimento, e transtornos mentais comuns.

Entretanto, o adoecimento pode angariar maior atenção dos pais, e, desta forma, resultar em mais solicitude parental. A teoria do investimento parental afirma que, dependendo do contexto (pais mais velhos, última cria, altos recursos), uma cria doente pode receber mais cuidados do que as saudáveis. E, como foi discutido anteriormente, há uma relação entre maior investimento parental e apego seguro (Belsky et al., 2001).

Outra explicação para este resultado é a de que a literatura relaciona adoecimento a problemas no desenvolvimento, e não a apego inseguro. Desta forma, pode não ser linear a relação entre um evento estressor específico e o estilo de apego e o resultado pode ser oposto ao esperado. Novas pesquisas sobre este tema, focando o processo e a forma como cada variável relaciona-se com o desenvolvimento e o estilo de apego, são sugeridas.

A parentalidade severa ou áspera também foi identificada como um estressor. No presente estudo, filhas de mães controladoras e não cuidadoras tenderam a ser inseguras em comparação com filhas de mães cuidadoras e não controladoras ou mesmo negligentes (nem cuidadoras, nem controladoras). Os resultados de Manassis et al. (1999), em uma amostra de 145 adolescentes canadenses, apóiam estes achados. O objetivo da pesquisa era determinar se estilo parental poderia prover informações sobre o estilo de apego e seus resultados mostraram que os participantes com apego seguro/autônomo relataram ter tido mães muito cuidadoras e pouco controladoras durante o desenvolvimento.

Por outro lado, filhas de pais (homens) controladores e não cuidadores também

tendiam a ser inseguras, mas apenas em comparação com filhas de pais cuidadores e não controladores. Apesar disso, de forma geral, pais cuidadores e não controladores tiveram filhas mais seguras. A pesquisa de Manassis et al. (1999) não encontrou correlações quanto ao estilo paterno. De acordo com eles, isso pode ter decorrido do instrumento de apego, que não é específico quando ao pai e à mãe, como o PBI.

No conjunto, os resultados encontrados são significativos, tendo em vista a congruência com a literatura já existente, mas também pelo fato de explorar novas perspectivas e uma amostra específica, de mulheres brasileiras de Salvador/BA e Belém/PA. Como foi encontrado por Ceconello e Koller (2000) em uma amostra brasileira, o sexo feminino foi fator de proteção, mas em crianças. O contrário aconteceu nos estudos de Kristensen et al. (2004), em amostra brasileira, mas de adolescentes e Leung et al. (2009), em amostra de adolescentes japoneses. Isso justifica a busca pelo entendimento da relação entre gênero, desenvolvimento e apego.

6.3 Alcance e perspectivas

O questionário criado a partir de outros estudos supriu as necessidades desta pesquisa, possibilitando o uso de seus dados para o objetivo do estudo. Apesar disso, algumas modificações podem ser feitas em estudos futuros, entre elas a adição de uma pergunta sobre a percepção dos eventos em todas as variáveis. Outra modificação possível é a retirada de algumas perguntas cujos dados não foram utilizados, como a de ordem do nascimento.

O uso da escala de estilo de relacionamento, *Collins and Read Adult Scale* (Collins & Read, 1990), mostrou-se apropriada para o estudo. Não só ela é recomendada pela literatura, como forneceu informações sobre os fatores do estilo de apego, suficientes para o objetivo da

pesquisa. Um diferencial da escala é que tanto o uso dos fatores (Desconfiança, Ansiedade, e Resistência à proximidade), quanto o dos estilos (Seguro, Inseguro/Evitativo, Inseguro/Ambivalente) teve resultados semelhantes nas análises sobre a relação entre eventos estressores e apego.

O Instrumento de Vínculo Parental, o *Parental Bonding Instrument* (Parker, 1992), também supriu as necessidades metodológicas e forneceu dados que foram utilizados em sua totalidade. Ambas as escalas mostraram-se de fácil e rápida aplicação na maioria dos casos. O questionário tomou a maior parte do tempo de aplicação, porém, este foi curto. De forma geral, a amostra recebeu bem o instrumento e respondeu sem maiores problemas, o que estimula seu uso em pesquisas posteriores.

A revisão de literatura realizada mostrou a falta de consenso na área sobre os eventos estressores, o que dificulta a busca de um padrão no estudo do estilo de apego. Esta pesquisa buscou iniciar uma formalização do estudo deste tipo de eventos, isto é, padronizar os tipos de eventos estressores que devem ser incluídos em uma pesquisa com este tema. Novas pesquisas também devem ser realizadas em diferentes contextos, com a replicação dos resultados. A pesquisa também aprofunda o estudo da relação entre estilo parental e estilo de apego, ao investigar esta relação em um contexto brasileiro e tratando a parentalidade severa como um estressor.

Não houve pretensão de generalizar os resultados para toda a população de mulheres, devido às limitações da amostra. Por outro lado, foi possível identificar os eventos estressores específicos importantes para o estilo de apego adulto, corroborando, em linhas gerais, resultados obtidos em estudos anteriores.

Segundo a teoria evolucionista da socialização de Jay Belsky (2001), complementar à teoria de história de vida, a combinação de recursos escassos, alto nível de estresse,

discordância matrimonial e baixo investimento parental estariam correlacionados com a estratégia reprodutiva do tipo I. Este tipo de estratégia está associado ao desenvolvimento de um estilo de apego inseguro, através da parentalidade. Isso ocorreria porque a criança avalia o mundo ao seu redor e seus recursos, mesmo sem perceber, e ajusta seu comportamento a ele.

A pobreza, no presente estudo, não se correlacionou com o apego adulto. Diante da revisão de literatura, percebeu-se que não há consenso entre os pesquisadores sobre a forma de avaliar escassez, o que pode ter interferido neste resultado. Além disto, é possível levantar a dúvida sobre se a existência de escassez seria suficiente, ou se a percepção da escassez seria mais importante do que a escassez em si.

Estas lacunas delineiam novas frentes de pesquisa, sendo uma delas o uso da percepção do evento estressor. A idéia de que um estilo de apego inseguro estaria relacionado a uma percepção dos eventos como estressores advém de estudos como o de Lordelo (2009), que percebeu que uma simples definição de pobreza, sem informação sobre como essas experiências foram vivenciadas, não abarcava o fenômeno estudado.

Outras pesquisas que estudaram a percepção dos eventos estressores foram as de Kristensen et al. (2004) e de Poletto et al. (2009), que pedem cautela ao classificar eventos de risco como suficientes para a vulnerabilidade. Segundo estes autores, algumas crianças superam eventos estressores de uma forma que não é possível para outras. Além disto, há uma grande variabilidade ao longo do desenvolvimento. Sugere-se que as questões de percepção da experiência de evento estressor sejam utilizadas em amostras diferenciadas, com potencial de experiências de risco mais alto.

Outra possível pesquisa derivada dos resultados encontrados aqui é a relação entre estilo parental e apego adulto. Análises de regressão, como as utilizadas por NICHD (2006), podem ser utilizadas para entender a relação entre estes dois fatores. Nessa pesquisa, quando a

qualidade da parentalidade era incluída na análise, o efeito do estilo de apego diminuía. Em cinco das seis medidas de desenvolvimento infantil, as médias da qualidade parental tiveram uma correlação significativa com o desenvolvimento, ao invés das médias do estilo de apego; o que demonstrou que há um modelo de mediação dos efeitos do apego inicial no desenvolvimento.

É importante ressaltar que os estudos comparados com os resultados desta pesquisa foram realizados com amostras, instrumentos e objetivos diferentes, o que significa alguma limitação para comparações; assim, é importante assinalar que a necessidade de replicação dos presentes achados ainda se impõe. Novas pesquisas utilizando o questionário desenvolvido, a escala de estilo de relacionamento e a escala de estilo parental, em amostras de mulheres brasileiras, com objetivos similares aos propostos aqui devem ser realizadas para melhor comparação.

REFERÊNCIAS

- Abreu, C. N. (2005). *Teoria do Apego: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Abreu, K. L., Stoll, I., Ramos, L. S., Baumgardt, R. A. & Kristensen, C. H. (2002). Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2).
- Ackerman, B. P., Brown, E. D., D'Eramo, K. S. & Izard, C. E. (2002). Maternal relationship instability and the school behavior of children from disadvantaged families. *Developmental Psychology*. 38(5), 694–704.
- Adam, E. K. & Chase-Lansdale, L. (2002). Home sweet home(s): parental separations, residential moves, and adjustment problems in low-income adolescent girls. *Developmental Psychology*. 38(5), 792–805.
- Ainsworth, M.D. (1978). *Patterns of attachment: assessed in the strange situation and at home*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Alexander, P.C. (2009). Childhood Trauma, attachment, and abuse by multiple partners. *Psychological Trauma: theory, research, practice, and policy*. 1(1), 78–88.
- Bartholomew, K. & Shaver, P. R. (1998). Methods of accessing adult attachment: do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guilford Press.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2, 321-335.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: an evolutionary theory of socialization. *Child Development*, 62, 647–670.
- Belsky, J., Saffee, S., Hsieh, K. H. & Silva, P. A. (2001). Child-rearing antecedents of intergenerational relations in young adulthood: a prospective study. *Developmental*

Psychology, 37(6), 801-813.

- Belsky, J., Steinberg, L. D., Houts, R. M., Friedman, S. L., DeHart, G., Cauffman, E. et al. (2007). Family rearing antecedents of pubertal timing. *Child Development*, 78(4), 1302-1321.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of the Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Development Psychology*, 28, 759-775.
- Bjorklund, D. F. & Blasi, H. (2005). Evolutionary Developmental Psychology. In D. M. Buss (Ed.), *The handbook of evolutionary psychology*. New Jersey, NJ: John Wiley & Sons.
- Bowlby, J. (1984/2002). *Apego: a natureza do vínculo* (3a ed.). (Trilogia Apego e Perda, Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Bussab, V. M. R. & Otta, E. (2005). *Escala de Estilo de Relacionamento*. (Tradução da Collins e Read Adult Scale) (1994). Trabalho não publicado.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71-93.
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Conselho Federal de Psicologia (2005). *Código de ética profissional do psicólogo*. Brasília: Autor.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). *Resolução nº 196/96: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília: Autor.
- Cosmides, L. & Tooby, J. (2003). Evolutionary psychology: Theoretical Foundations. In *Encyclopedia of Cognitive Science*. (pp. 54-64). London: Macmillan.
- Cupertino, A. P. F. B., Oliveira, B. H. D., Guedes, D. V., Coelho, E. R., Milano, R. S., Rubac, J. S. et al. (2006). Estresse e suporte social na infância e adolescência relacionados com sintomas depressivos em idosos. *Psicol. Reflex. Crit.*, 19(3), p. 371-378.
- Cyr, C. & Moss, E. (2001). Le rôle des interactions mère-enfant et de la dépression maternelle

à l'âge préscolaire dans la prédiction de l'attachement de l'enfant l'âge scolaire. *Revue canadienne des science du comportement*, 33(2), 77-87.

- Crowell, J. A., Treboux, D., Gao, Y., Fyffe, C., Pan, H. & Waters, E. (2002). Assessing Secure Base Behavior in Adulthood: Development of a Measure, Links to Adult Attachment Representations, and Relations to Couples Communication and Reports of Relationships. *Developmental Psychology*, 38(5), 679–693.
- Da Silva, E. A. T. (2005). Estresse e suas repercussões no organismo. In S. M. C. Isamael (Org.). *Temas de prevenção, ensino e pesquisa que permeiam o contexto hospitalar*. p.45-54. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Da Silva, G.A. (2008). *Estudo longitudinal sobre prevalência e fatores de risco para depressão pós-parto em mães de baixa renda*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Dalbem, J. X. & Dell’Aglío, D. D. (2005). Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Daly, M. & Wilson, M. (2001). *A verdade sobre a Cinderela: uma visão darwiniana do cuidado parental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F. & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of Family of Origin and Adult Romantic Partners on Romantic Attachment Security. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 622–632.
- Ellis, B. J. & Garber, J. (2000). Psychosocial Antecedents of Variation in Girls’ Pubertal Timing: Maternal Depression, Stepfather Presence, and Marital and Family Stress. *Child Development*, 71(2), 485–501.
- Ferreira, J. H. B. P. (2009). *Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro: mecanismo de alocação de investimentos e tomada de decisão*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Halpern, R. (1990). Poverty and Early Childhood Parenting: Toward a Framework for Intervention. *Amer. J. Orthopsychiat*, 60(1), p.6-18.
- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P., Ceitlin, L. H. F. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI).

Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul., 28(2), p.162-168.

- Hinnen, C., Sanderman, R. & Spranger, M. A. G. (2009). Adult Attachment as Mediator between Recollections of Childhood and Satisfaction with Life. *Clin. Psychol. Psychother.*, 16, 10–21.
- Hollingshead, A.B. (1975). Four Factor Index of Social Status. Artigo não publicado. Yale University: New Havens. Recuperado em 15 de setembro, 2009, de http://www.yale.edu/sociology/faculty/docs/hollingshead_socStat4factor.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2001). Sinopse preliminar do censo demográfico de 2000 (Vol. 7). Rio de Janeiro: Autor.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. In *Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômica*, 26.
- Jacobsen, T., Edelstein, W. & Hofmann, V. (1994). A Longitudinal Study of the Relation Between Representations of Attachment in Childhood and Cognitive Functioning in Childhood and Adolescence. *Developmental Psychology*, 30(1), 112-124.
- Jacobsen, T. & Hofmann, V. (1997). Children's Attachment Representations: Longitudinal Relations to School Behavior and Academic Competency in Middle Childhood and Adolescence. *Developmental Psychology*, 33(4), 703-710.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., Grebb, J. A. (2002). *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica* (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Kaplan, H. S. & Gangestad, S. W. (2005). Life History Theory and Evolutionary Psychology. In D. M. Buss (Ed.). *Handbook of Evolutionary Psychology* (pp. 68-95). New Jersey: John Wiley and Sons.
- Keller, H. (1996). Evolutionary approaches. In J. W. Berry, Y.H. Pootinga & J. Pandey (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology* (Vol. 1) (pp. 215-256). Boston: Allyn and Bacon.
- Ketelaar, T. & Ellis, B. J. (2000). Are evolutionary explanations unfalsifiable? Evolutionary psychology and the Lakatosian philosophy of science. *Psychology Inquiry*, 11(1), 1-21.
- Kirsh, S. J. & Cassidy, J. (1997). Preschooler's Attention to and Memory for Attachment-

- Relevant Information. *Child Development*, 68(6), 1143-1153.
- Kornadt, H. J. (2002). Biology, culture and child rearing: the development of social motives. In H. Keller. *Between culture and biology*. London: Cambridge University Press.
- Kristensen, C. H., Leon, J. S., D’Incao, D. B., Dell’Aglío, D. D. (2004). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação em Psicologia*, 8(1), 45-55.
- Laland, K. N. & Brown, G. R. (2002). *Sense and Nonsense: evolutionary perspectives in human behavior*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Leung, S. S. K., Stewart, S. M., Wong, J. P. S., Ho, D. S. Y., Fong, D. Y. T. & Lam, T. H. (2009). The Association Between Adolescent’s Depressive Symptoms, Maternal Negative Affect, and Family Relationships in Hong Kong: Cross-Sectional and Longitudinal Findings. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 636–645.
- Linver, M. R., Brooks-Gunn, J. & Kohen, D. E. (2002). Family Processes as Pathways From Income to Young Children’s Development. *Developmental Psychology*, 38(5), 719–734.
- Lipp, M. E. N. (2000a) (Org.). *Crianças estressadas: Causas, sintomas e soluções*. Campinas, SP: Papyrus.
- Lipp, M. E. N. (2000b) (Org.). *O stress está dentro de você* (2a ed.). São Paulo: Contexto.
- Lopes, C. S., Faerstein, E. & Chór, D. (2003). Eventos de vida produtores de estresse e transtornos mentais comuns: resultados do Estudo Pró-Saúde. *Cad. Saúde Pública*, 19(6), 1713-1720.
- Lopez, F. G., Melendez, M. C. & Rice, K. G. (2000). Parental Divorce, Parent-Child Bonds, and Adult Attachment Orientations Among College Students: A Comparison of Three Racial/Ethnic Groups. *Journal of Counseling Psychology*, 47(2), 177-186.
- Lordelo, E. (2009). *Fatores bio-ecológicos e culturais na concepção e organização do cuidado à criança*. Relatório de pesquisa, Salvador, Universidade Federal da Bahia.
- Lordelo, E. R., Da França, C. B., Lopes, L. M. S., Dacal, M. P. O., Carvalho, C. S., Guirra, R. C. et al. (2006). Investimento Parental e Desenvolvimento da Criança. *Estud. Psicol.* 11(3), 257-264.

- Loureiro, S. R., Sanches, S. H. B. (2006). Crianças com bom desempenho acadêmico: Dificuldades comportamentais e eventos de vida. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette, A. Del Prette. *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of psychology*, 51, 1-27.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen (Org. Série) & E. M; Hetherington (Org. Vol.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development*. (4a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Main, M. & Solomom, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In: M. Greenberg, D. Cichetti & M. Cummings. (Orgs.). *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 161-182). Chicago: University Press.
- Manassis, K., Owens, M., Adam, K. S., West, M., Sheldon-Keller, A. E. (1999). Assessing attachment: convergent validity of the adult attachment interview and the parental bonding instrument. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 33, 559-567.
- Martinéz, C. & Santelices, M. P. (2005). Evaluación del Apego en el Adulto: Una Revisión. *Psyke*, 14(1), 181-191.
- Masten, A.S., Morison, P., Pellegrini, D. & Tellegen, A. (1990). Competence under stress: risk and protective factors. Em: Rolf J. (et al.) (Eds.). *Risk and protective factors in the development of psychopathology*. p.236-256. New York: Cambridge University Press.
- Mayseless, O., Danieli, R. & Sharabany, R. (1996). Adult's attachment patterns: Coping with separations. *Journal of Youth and Adolescence*, 25(5), 667-690.
- Mickelson, K. D., Kessler, R. C. & Shaver, P. R. (1997). Adult Attachment in a Nationally Representative Sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(5), 1092-1106.
- Moura, M. L. S. (s/ano) *O moderno e o ancestral: a contribuição da Psicologia Evolucionista para a compreensão dos padrões reprodutivos e de investimento parental humano*. Projeto do Instituto do Milênio. Brasília: Cnpq.

- Murta, S. G. & Tróccoli, B. T. (2004). Avaliação de Intervenção em Estresse Ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(1), 39-47.
- NICHD Early Child Care Research Network. (2006). Infant-Mother Attachment Classification: Risk and Protection in Relation to Changing Maternal Caregiving Quality. *Developmental Psychology*, 42(1), 38-58.
- Oppenheim, D., Sagi, A. & Lamb, M. E. (1988). Infant-Adult Attachments on the Kibbutz and Their Relation to Socioemotional Development 4 Years Later. *Developmental Psychologist*, 24(3), 427-433.
- Palacios, J. R. P. & Álvarez, M. P. S. (2006). Apego Adulto: los modelos operantes internos y la teoria da mente. *Terapia psicológica*, 24(2), 201-210.
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L.B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *Br J Med Psychol*. 52, p.1-10.
- Parker, G. (1992). *Parental Bonding Instrument*. Recuperado em 21 de setembro, 2009, de <http://www.blackdoginstitute.org.au>.
- Pettit, G. S., Batters, J. E. & Dodge K. A. (1997). Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: a seven-year longitudinal study. *Child Development*, 68(5), 908-923.
- Piovisan, A., Temporini, E. R. (1995). Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, 29 (4), 318-325.
- Poletto, M., Koller, S. H., Dell'Aglio, D. D. (2009). Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. *Ciênc. saúde coletiva*, 14(2), 455-466.
- Reppold, C. T. (2001). *Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ribas, A. F. P., Moura, M. L. S., & Ribas Jr., R. C. (2003). Maternal Responsiveness: A review of the literature and a conceptual discussion. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 16(1), 137-145.

- Ribas Jr., R. C., Moura, M. L. S., Soares, I. D., Gomes, A. A. N., Bornstein, M. H. (2003). Socioeconomic status in Brazilian psychological research: I. validity, measurement, and application. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 375-383.
- Schreiber, R. & Lyddon, W. J. (1998). Parental Bonding and Current Psychological Functioning Among Childhood Sexual Abuse Survivors. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 358-362.
- Sampaio, R. S. & Galasso, L. M. R. (2005). Stress no mundo do trabalho: trajetória conceitual. In A. C. Limongi-França & A. L. Rodrigues. *Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas.
- Smith, S. D. & Ng, K. (2009). Association Between Adult Romantic Attachment Styles and Family-of-Origin Expressive Atmosphere. *The Family Journal*, 17(3), 220-228.
- Sroufe, L. A. & Flesson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartup & Z. Rubin. (Orgs.). *Relationships and development* (pp. 51-71). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Steinberg, L., Lamborg, S. D., Darling, N., Mounts, N. S. & Dornbush, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Developmental*, 65, 754-770.
- Stevenson-Hinde, J. (1998). Parenting in different cultures: time to focus. *Developmental Psychology*, 34, 689-700.
- Sulloway, F. J. (2007). Birth order and sibling competition. In R. Dunbar & L. Barret (Eds.). *The Oxford Handbook of Evolutionary Psychology* (pp. 297-311). Oxford, England: Oxford University Press.
- Terra, L., Hauck, S., Schestatsky, S., Fillipon, A. P., Sanchez, P., Hirakata, V. et al. (2009). Confirmatory factor analysis of the Parental Bonding Instrument in a Brazilian female population. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 43, 348-354.
- Tokumar, R. S. (2009). Investimento parental e maus-tratos de crianças. In E. Otta & M. E. Yamamoto. (Coords.). *Psicologia Evolucionista. Fundamentos de Psicologia*. p.96-103. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Trivers, R. L. (1974). Parent-Offspring Conflict. *Am. Zool.*, 14, 249-264.

UNESCO (2005). Understandings of Literacy. In *Education for All: Global Monitoring Report* (pp. 147-159). Paris: Autor

Vieira, M. L., Rimoli, A. O., Prado, A. B., Chelini, M. O. M. (2009). Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da teoria da história de vida e da teoria do investimento parental. In E. Otta & M. E. Yamamoto. (Coords.). *Psicologia Evolucionista. Fundamentos de Psicologia*. p.86-95. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

ANEXO A – Questionário sociodemográfico e de eventos estressores



Pesquisa: Eventos estressores na infância e apego adulto

Pesquisadora responsável: Rachel C. Ripardo

Questionário n°: _____

INFORMAÇÕES GERAIS

1. A partir da **primeira série**, quantos anos de estudo você completou? _____
(Ensino médio completo: 11 anos)
2. Qual o seu estado civil (IBGE)?
Solteira () Casada/mora junto () Divorciada/Separada () Viúva ()
3. Qual é a cor da sua pele (IBGE)?
Branca () Preta () Amarela () Parda () Indígena ()
Não quer responder ()
4. Qual a sua idade? _____
5. Você possui uma religião?
Não () Sim () Se sim, qual? _____
6. Quantos irmãos/irmãs você tem? _____
7. Você poderia informar a idade atual dos seus irmãos/irmãs na seqüência **dos mais velhos para os mais novos**, incluindo você (escreva “eu”) e irmãos que já morreram; e o sexo de cada um? Se adotado, marcar com um X.
Caso falecido, marcar com um asterisco (*).

Posição na Seqüência de nascimentos (Primeiro nome)	Idade atual	Sexo (F ou M)	Adotado
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			

CONDIÇÕES MATERIAIS/SOCIAIS DA FAMÍLIA

Por favor, lembre a seguir diferentes períodos da sua infância, procurando descrever da forma mais completa possível suas condições de vida naquela época. Obrigada!

Onde você foi criada na maior parte da sua infância?

Zona urbana (cidade) () Nome da cidade: _____

Zona rural (vila, sítio) () Nome do município: _____

Durante sua infância sua família mudou de cidade?

Não () Sim () **Se sim**, quantas vezes?

1ª) De _____ para _____

Que idade você tinha à época _____

2ª) De _____ para _____

Que idade você tinha à época _____

3ª) De _____ para _____

Que idade você tinha à época _____

Alguma dessas mudanças foi uma experiência difícil/penosa?

Não () Sim () Qual(is) mudança(s): _____

Os seus pais se separaram ou se divorciaram até os seus 11 anos?

Não () Sim () **Se sim**, quantos anos você tinha? _____

Você conviveu com padrasto ou madrasta até os seus 11 anos?

Não () Sim () **Se sim**, () padrasto () madrasta. A partir de que idade? _____

Algum dos seus pais morreu durante sua infância?

Não ()

Sim, pais biológicos (pai e mãe) () Que idade você tinha? _____

Sim, mãe biológica () Que idade você tinha? _____

Sim, pai biológico () Que idade você tinha? _____

Por quem você foi criada **principalmente** (pela maior parte do tempo)?

Marque **apenas uma vez** em cada coluna.

	De 0 a 3 anos	De 4 a 7 anos
Seus pais biológicos (pai e mãe)		
Sua mãe biológica		
Seu pai biológico		
Seus avós		
Outros parentes		
Pais adotivos ou de criação		
Mãe e padrasto		
Pai e madrasta		
Outras pessoas		
Num orfanato		

*Todas as perguntas sobre pai/mãe podem ser respondidas com referência a outro homem/mulher que tenha exercido as funções de pai/mãe, **até os seus 11 anos de idade.***

Escolaridade do pai (anos concluídos) _____ Não houve figura paterna ()

Escolaridade da mãe (anos concluídos) _____ Não houve figura materna ()

Ocupação do pai _____

Ocupação da mãe _____

(Se sua mãe era apenas dona de casa) Mãe exercia alguma atividade remunerada?

Não () Sim () _____ **Se sim**, qual? _____ Fora de casa? Sim () Não ()

Durante a sua infância, seu pai passou um ou mais de um período longo desempregado (mais de 3 meses)?

Não se aplica () Não () Sim () **Se sim**, quanto tempo (em meses): _____

Quantas vezes? _____

Tem lembranças de o desemprego do seu pai ser uma coisa penosa, um tempo difícil?

Não () Sim ()

Durante a sua infância, sua mãe passou um ou mais de um período longo desempregada (mais de 3 meses)?

Não se aplica () Não () Sim () **Se sim**, quanto tempo (em meses): _____

Quantas vezes? _____

Tem lembranças de o desemprego da sua mãe ser uma coisa penosa, um tempo difícil?

Não () Sim ()

Tem lembrança de ficar preocupado com os problemas financeiros da família?

Não () Sim ()

Tem lembrança de desejar muito objetos materiais ou atividades que sua família não podia pagar?

Não () Sim ()

Tem lembrança de haver insuficiência de alimentos na sua casa?

Não () Sim ()

Comparando aos seus vizinhos, sua família era:

Mais pobre () Mais rica () Igual ()

Condições de Moradia (até os 11 anos de idade)

Durante sua infância, sua família morava em casa própria?

Não () Sim ()

Na sua casa havia:

Energia elétrica? Sim () Não ()

Água encanada? Sim () Não ()

Rede coletora de esgotos? Sim () Não ()

Pavimentação da rua (asfalto ou pedra) Sim () Não ()

Condições de Saúde (até os 11 anos de idade)

Você teve alguma doença grave até os seus 11 anos de idade?

Não () Sim () **Se sim**, qual? _____

Teve alguma pessoa da família que morava na sua casa e que tinha uma doença grave?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____

Qual? _____

Ia regularmente ao dentista?

Não () Sim ()

Recebeu assistência médica quando necessário?

Não () Sim ()

Podia comprar os remédios receitados?

Não () Sim ()

Você teve alguma doença crônica?

Não () Sim () **Se sim**, qual? _____

Alguma pessoa da sua família teve alguma doença crônica?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____

Qual doença? _____

Você foi hospitalizada durante a infância (até os 11 anos de idade)?

Não () Sim () **Se sim**, quantos dias? _____

Alguma pessoa da sua família foi hospitalizada durante a infância?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____ Quantos dias? _____

Você teve convivência com doentes mentais?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____

Qual doença? _____

Foi uma convivência difícil/penosa?

Sim () Não ()

Você teve convivência com alcoolismo?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____

Foi uma convivência penosa?

Sim () Não ()

Você teve convivência com alguém que usava drogas ilícitas?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____

Qual? _____

Foi uma convivência difícil/penosa?

Sim () Não ()

Condições de Segurança (até os 11 anos de idade)

Durante a sua infância (até os 11 anos de idade), você foi assaltada ou roubada?

Não () Sim () **Se sim**, que idade você tinha na época? _____

Foi uma experiência penosa? Sim () Não ()

Alguém da sua família foi assaltado (a) ou roubado (a)?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____ Que idade você tinha na época? _____

Foi uma experiência penosa para você? Sim () Não ()

Durante a sua infância a casa da sua família foi assaltada ou roubada?

Não () Sim () **Se sim**, que idade você tinha na época? _____

Foi uma experiência penosa? Sim () Não ()

Alguém da sua família foi preso durante sua infância?

Não () Sim () **Se sim**, quem? _____ Que idade você tinha na época? _____

Foi uma experiência penosa para você? Sim () Não ()

Havia problemas de criminalidade no local? Sim () Não ()

Alguma vez presenciou cenas de tiroteio?

Não () Sim () **Se sim**, foi uma experiência penosa? Sim () Não ()

Durante a infância, viu alguma pessoa morta violentamente (tiro, facada)?

Não () Sim () **Se sim**, foi uma experiência penosa para você? Sim () Não ()

CLIMA FAMILIAR (até os 11 anos de idade)

Qual foi a **pessoa** mais importante durante sua infância? Marque **apenas um** espaço.

- Seus pais biológicos (pai e mãe) ()
 Sua mãe biológica ()
 Seu pai biológico ()
 Seus avós () _____
 Outros parentes () Quem? _____
 Pais adotivos ou de criação ()
 Mãe e padrasto ()
 Pai e madrasta ()
 Outras pessoas () Quem? _____
 Morou em um orfanato ()

Ao responder as próximas perguntas peço que você avalie e marque o quanto cada afirmação se aplica ao seu caso, dando uma nota de 1 a 5. Estas perguntas referem-se até os seus 11 anos de idade.

Como você avalia o ambiente (clima) de sua família na época em que era criança? Era tranquilo, menos tranquilo, ou extremamente difícil ou tumultuado?

Muito tranquilo	Mais ou menos tranquilo			Muito tumultuado
1	2	3	4	5

Como avalia o relacionamento entre seus pais quando você era criança?

Muito feliz	Mais ou menos feliz			Muito infeliz
1	2	3	4	5

Em termos de conflitos (brigas e discussões), como avalia a relação de seus pais quando você era criança?

Nada conflituoso	Mais ou menos conflituoso			Extremamente conflituoso
1	2	3	4	5

Quais eram os **principais motivos** de briga entre seus pais? (*Só para quem respondeu à questão anterior a partir do ponto 3 da escala*)

- () Dinheiro
 () Relacionamentos extraconjugais
 () Educação dos filhos
 () Divisão de tarefas
 () Embriaguez freqüente: do pai () da mãe ()
 () Outros (especificar) _____

Em termos de conflitos (brigas e discussões), como avalia a sua relação com seu pai (ou com a figura paterna que te criou: padrasto, tio, avô) quando era criança (até os 11 anos de idade)?

Nada conflituoso		Mais ou menos conflituoso		Extremamente conflituoso
1	2	3	4	5

Em termos de conflitos (brigas e discussões), como avalia a sua relação com sua mãe (ou com a figura materna que te criou: madrasta, tia, avó) quando era criança?

Nada conflituoso		Mais ou menos conflituoso		Extremamente conflituoso
1	2	3	4	5

Como era a atitude de seu pai (ou padrasto, tio, avô) em relação a você?

Nada afetuosa		Mais ou menos afetuosa		Extremamente afetuosa
1	2	3	4	5

Como era a atitude de sua mãe ou de sua (ou madrasta, tia, avó) em relação à você?

Nada afetuosa		Mais ou menos afetuosa		Extremamente afetuosa
1	2	3	4	5

ANEXO B – Escala de Estilo Parental

Instrumento de Vínculo Parental

Este questionário lista várias atitudes e comportamentos das mães. **Conforme você se lembra da sua MÃE** (ou outra figura materna) até os 16 anos, faça uma marca mais apropriada ao lado de cada afirmativa.

	Muito parecido	Moderadamente parecido	Moderadamente diferente	Muito diferente
1. Falava comigo com uma voz meiga e amigável				
2. Não me ajudava tanto quanto eu necessitava				
3. Deixava-me fazer as coisas que eu gostava de fazer				
4. Parecia emocionalmente fria comigo				
5. Parecia compreender meus problemas e preocupações				
6. Era carinhosa comigo				
7. Gostava que eu tomasse minhas próprias decisões				
8. Não queria que eu crescesse				
9. Tentava controlar todas as coisas que eu fazia				
10. Invadia minha privacidade				
11. Gostava de conversar sobre as coisas comigo				
12. Frequentemente sorria para mim				
13. Tendia a me tratar como bebê				
14. Parecia não entender o que eu necessitava ou queria				
15. Deixava que eu decidisse as coisas por mim mesma				
16. Fazia com que eu sentisse que não era querida				
17. Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateada				
18. Não conversava muito comigo				
19. Tentava me fazer dependente dela				
20. Ela sentia que eu não podia cuidar de mim mesma, a não ser que ela estivesse por perto				
21. Dava-me tanta liberdade quanto eu queria				
22. Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria				
23. Era superprotetora comigo				
24. Não me elogiava				
25. Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse				

Instrumento de vínculo parental

Este questionário lista várias atitudes e comportamentos dos pais. **Conforme você se lembra do seu PAI** (ou outra figura paterna) até os 16 anos, faça uma marca mais apropriada ao lado de cada afirmativa.

	Muito parecido	Moderadamente parecido	Moderadamente diferente	Muito diferente
1. Falava comigo com uma voz meiga e amigável				
2. Não me ajudava tanto quanto eu necessitava				
3. Deixava-me fazer as coisas que eu gostava de fazer				
4. Parecia emocionalmente frio comigo				
5. Parecia compreender meus problemas e preocupações				
6. Era carinhoso comigo				
7. Gostava que eu tomasse minhas próprias decisões				
8. Não queria que eu crescesse				
9. Tentava controlar todas as coisas que eu fazia				
10. Invadia minha privacidade				
11. Gostava de conversar sobre as coisas comigo				
12. Frequentemente sorria para mim				
13. Tendia a me tratar como bebê				
14. Parecia não entender o que eu necessitava ou queria				
15. Deixava que eu decidisse as coisas por mim mesma				
16. Fazia com que eu sentisse que não era querida				
17. Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateada				
18. Não conversava muito comigo				
19. Tentava me fazer dependente dele				
20. Ele sentia que eu não podia cuidar de mim mesma, a não ser que ele estivesse por perto				
21. Dava-me tanta liberdade quanto eu queria				
22. Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria				
23. Era superprotetor comigo				
24. Não me elogiava				
25. Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse				

ANEXO C – Escala de Estilo de Relacionamento

Estilo de Relacionamento

Vão ser apresentadas agora algumas descrições de estilos de relacionamento amorosos, ou seja, como as pessoas se ligam afetivamente, com o que se preocupam, com o que se sentem bem. Pedimos que você avalie o grau de semelhança entre o que você costuma sentir e cada uma das afirmações que serão apresentadas. Marque cada afirmação, desde “não tem nada a ver comigo”, até “tem tudo a ver comigo”.

	Não tem nada a ver comigo	Tem um pouco a ver comigo	Tem mais ou menos a ver comigo	Tem bastante a ver comigo	Tem tudo a ver comigo
1. Acho relativamente fácil me aproximar das pessoas.					
2. Acho difícil confiar nos outros.					
3. Muitas vezes fico preocupada pensando se meu parceiro amoroso realmente me ama.					
4. Acho que as outras pessoas não querem se aproximar de mim tanto quanto eu gostaria.					
5. Eu me sinto bem confiando nas outras pessoas.					
6. Eu <u>não</u> me incomodo quando as pessoas ficam muito ligadas afetivamente a mim.					
7. Eu acho que as pessoas nunca estão lá quando a gente precisa delas.					
8. Eu me incomodo um pouco com a proximidade afetiva das outras pessoas.					
9. Frequentemente me preocupo com a possibilidade do meu parceiro amoroso não querer mais ficar comigo.					
10. Quando demonstro meus sentimentos para os outros, tenho medo que eles não sintam o mesmo por mim.					
11. Muitas vezes me pergunto se meus parceiros amorosos realmente gostavam de mim.					
12. Eu me sinto bem quando estabeleço relações próximas com outras pessoas.					
13. Eu não gosto quando alguém fica muito ligado afetivamente a mim.					
14. Eu sei que as pessoas estarão lá quando eu precisar delas.					
15. Eu quero me aproximar das pessoas, mas tenho medo de me ferir.					
16. Eu acho difícil confiar inteiramente nos outros.					
17. Em geral, meus parceiros amorosos querem que eu fique emocionalmente mais próxima deles do que eu gostaria.					
18. Não tenho certeza de poder contar sempre com os outros quando eu precisar deles.					

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre informado



Pesquisa: Eventos estressores na infância e apego adulto

Pesquisadora responsável: Rachel C. Ripardo

Termo de Consentimento para participação na pesquisa

Declaro que fui esclarecida e concordo em participar voluntária e gratuitamente da pesquisa *Eventos Estressores Materiais e Psicossociais na Infância e Estilo de Apego Adulto* e compreendo que:

- a) A presente pesquisa pretende investigar os eventos estressores materiais e psicossociais que aconteceram na infância, relacionando-os com o estilo de apego adulto atual.
- b) A pesquisadora responsável me solicitará informações sobre minha infância e minha vida atual.
- c) Para a coleta das informações necessárias para esta pesquisa será aplicado um questionário. As informações coletadas serão utilizadas eticamente para fins de pesquisa, sendo garantido o sigilo. As participantes não serão identificadas.
- d) Através deste consentimento autorizo a análise das informações que prestarei e a divulgação pública dos resultados da pesquisa pelos responsáveis.
- e) Poderei desistir de participar da pesquisa e revogar este consentimento a qualquer momento, sem que haja qualquer sanção ou pena por minha desistência.

Salvador, _____ de _____ de _____

Participante – RG

Pesquisador – RG